

Meire Cachioni

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Meire Cachioni e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: _____

Assinatura: _____

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Cachioni, Meire.

C113e Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco / Meire Cachioni. - Campinas, SP: [s.n.], 1998.

Orientadora: Anita Liberalesso Neri.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Idosos. 2. Velhice bem-sucedida. 3. Bem-estar subjetivo. 4. Gerontologia educacional. 5. Universidade da Terceira Idade. I. Neri, Anita Liberalesso. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação na Área de Concentração: Psicologia Educacional, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri.

Comissão Julgadora:

A quem Dedico:

Aos meus avós,
José (in memoriam) e Dolores,
pela certeza, que sempre me
passaram,
de que é possível envelhecer com
dignidade e sabedoria.

Aos meus pais, Maridalva e Levy,
pelo amor, carinho e dedicação
que os levam a estar sempre ao meu lado,
em todos os momentos da minha vida.

Ao Marcelo, meu irmão,
pela amizade que nos une e nos torna
companheiros,
nas traduções dos textos, nos problemas com
o computador;
nas nossas conquistas.

Ao Renato,
que partilha comigo minhas realizações e
esperanças,
pelo amor e companheirismo ao longo
dessa caminhada.
Estamos crescendo juntos e começando
a colher os frutos dos nossos sonhos.

A quem Agradeço:

A Deus,

“Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo o propósito debaixo do
céu:

Há tempo de nascer, e tempo de morrer;
tempo de plantar, e tempo de colher o que
se plantou”.

(Ec.3: 1-2)

“Nos últimos dias, diz o Senhor,
acontecerá que eu derramarei meu Espírito
sobre toda a carne.

Vossos filhos e vossas filhas profetizarão,
vossos jovens verão visões
e vossos velhos sonharão sonhos”.

(At. 2:21)

.

De maneira muito especial,
à Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri,
em quem sempre encontrei orientação, apoio
e amizade,
pelo brilhantismo que conduz a sua função de
educadora,
pela confiança que em mim depositou no
decorrer desse trabalho,
por tudo que consegui realizar até aqui.
Graças à sua competência, calma e
dedicação,
que, sem alarde, corrige e sugere,
trabalhei muito mais que eu mesma podia
esperar .

....”Educador é vocação. E toda vocação
nasce de um grande amor,
de uma grande esperança”.

(Rubem Alves)

À colega Andréa Temponi dos Santos, coordenadora da Universidade Para a Terceira Idade da Universidade São Francisco - campus Itatiba, por ter apoiado a realização do presente trabalho nesta instituição, pela amizade e confiança.

Aos alunos da Universidade Para a Terceira Idade da Universidade São Francisco - campus Itatiba, que com a sinceridade, característica desse grupo, responderam as questões pertinentes a este trabalho e deram sentido aos meus esforços.

À Profa. Dra. Janete Liasch Martins de Sá e ao Prof. Dr. James Patrick Maher, pelas valiosas sugestões teóricas que permitiram o enriquecimento deste trabalho.

À Profa. Luciana Maria Cappellini Kancelakis, pela presteza e competência com que realizou a revisão textual.

Ao analista de sistemas Alexandre Henrique Bicudo da Silva, pela disponibilidade e competência com que revisou a formatação do texto.

Às colegas Eliete Jussara Nogueira, Myrtes Dias da Cunha, Maria Elisabete Salvador Caetano, Flávia Pereira da Silva e Andréa Lopes, pelo companheirismo e amizade que cercaram os nossos momentos de crescimento profissional e pessoal.

À Nadir Camacho que, durante estes anos, me socorreu na secretaria da Pós-graduação.

À Clóris Alessi, pela amizade e incentivo, pelas sugestões feitas para a elaboração das referências bibliográficas.

À Sandra Zaidan, querida amiga, que sempre acreditou que eu seria capaz.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que proveu os recursos financeiros para que esta pesquisa se realizasse (processo nº 96/03176-5).

À todos aqueles que estiveram ao meu lado e que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu muito obrigada!

“Meio século.
O peso desta palavra ia me deixar de cama.
Não vai mais. Aprendo sabedorias”.
(Adélia Prado)

“Algum problema de envelhecimento? Nenhum! Traga de volta os cidadãos maduros e idosos à escola. Sob tais condições, integrando-os ao processo de aprendizagem, por que eles não deveriam permanecer criativos e inovadores até o fim de suas vidas” ?

(Isaac Asimov)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. Velhice Bem-Sucedida e Educação	5
2. Bem-Estar Subjetivo na Velhice: a importância das relações sociais	11
3. O programa Universidade da Terceira Idade sob a perspectiva da Gerontologia Educacional e da Educação Permanente.....	19
4. Histórico do Programa Universidade da Terceira Idade.....	28
4.1. Antecedentes.....	28
4.2. Experiências de Universidades da Terceira Idade no âmbito internacional	35
4.3. Experiências brasileiras com Universidades da Terceira Idade	46
5. Velhice Bem-Sucedida e Universidades da Terceira Idade: alguns dados brasileiros	62
6. Caracterização da Universidade Para a Terceira Idade da Universidade São Francisco em Itatiba - SP	68
7. Objetivos.....	71
MÉTODO	72
1. Sujeitos	72
2. Instrumentos	73
3. Procedimentos.....	74
RESULTADOS	75
DISCUSSÃO	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
ANEXO	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Itens avaliados em relação ao bem-estar percebido e construtos associados.....	74
Quadro 2	Estatísticas relativas aos resultados do teste Duncan às variáveis relativas à avaliação dos benefícios sobre o bem-estar subjetivo pelos grupos de idade...	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Estatísticas relativas à satisfação de motivos para freqüentar uma Universidade da Terceira Idade.....	75
Tabela 2	Estatísticas do teste Tuckey para as variáveis relativas à satisfação de motivos para ir à Universidade em relação à idade dos sujeitos.....	76
Tabela 3	Estatísticas referentes às avaliações sobre o grau em que freqüentar o programa afeta o bem-estar subjetivo dos sujeitos.....	77
Tabela 4	Estatísticas resultantes da análise de variância aplicada às variáveis indicadoras do grau em que os sujeitos avaliam que a freqüência à Universidade da Terceira Idade afetou o seu bem-estar subjetivo.....	78
Tabela 5	Estatísticas referentes às avaliações dos sujeitos sobre o grau em que freqüentar a Universidade da Terceira Idade afetou a sua auto-imagem.....	80
Tabela 6	Estatísticas resultantes da análise de variância aplicada às variáveis indicadoras do grau em que os sujeitos avaliam que a freqüência à Universidade da Terceira Idade afetou a auto-imagem.....	80
Tabela 7	Fatores resultantes da análise de componentes principais com todas as variáveis estudadas e cargas fatoriais de cada item.....	81

LISTA DE ANEXOS

A. Dados Pessoais.....	100
B. Opinião sobre em que grau o programa U3I está preenchendo as expectativas dos participantes.....	102
C. Opinião sobre em que grau frequentar o programa U3I está contribuindo para o bem-estar subjetivo dos participantes	103
D. Opinião sobre em que grau mudou a percepção dos outros depois que os participantes começaram a frequentar o programa U3I	104

CACHIONI, M. (1998). *Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP.

RESUMO

Os objetivos desta pesquisa foram levantar opiniões de alunos de uma Universidade da Terceira Idade quanto a efeitos de participação sobre o bem-estar subjetivo; a auto-imagem e o cumprimento de expectativas ao programa iniciado um ano antes. Participaram 40 mulheres de 40 a 89 anos (61% tinham mais de 60 anos); 40% casadas e 36,5% viúvas; 20% donas-de-casa, 37,5% aposentadas e 42,5% trabalhavam; 34% tinham escolaridade primária, 19,5% ginasial, 24,5% colegial e 22% universitária. O instrumento continha 16 escalas de cinco pontos, avaliando variáveis psicossociais. Análises univariadas e multivariadas mostraram efeitos positivos sobre o auto-conceito (melhoria da valorização e da aceitação social, do respeito e da auto-confiança); a auto-eficiência (indicada pelos benefícios percebidos sobre a cognição e a produtividade relacionadas à oportunidade de aumento dos conhecimentos, aperfeiçoamento pessoal, expressão dos contatos sociais e utilização mais proveitosa do tempo livre); o bem-estar subjetivo (indicado pelos ganhos percebidos em saúde física, atitudes em relação aos idosos, satisfação na vida, capacidade física percebida, perspectiva de futuro, atividade e relações (familiares) e perspectiva sobre o curso de vida (estratégias de enfrentamento de morte e atitudes em relação aos jovens). Independentemente do nível educacional do status conjugal e da ocupação, as mulheres de 60 a 69 anos diferiram estatisticamente das demais em relação aos ganhos percebidos quanto ao conhecimento, aos contatos sociais e ao aperfeiçoamento pessoal; as mulheres de 50 a 59 anos enfatizaram as oportunidades para contato social - todas se declararam satisfeitas com a melhor utilização do tempo livre propiciada pelo programa.

CACHIONI, M. (1998). *Envelhecimento bem sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP (*Successful ageing among students of one University of the Third Age*).

Abstract

One year after applying to one University of the Third Age, forty women were asked about the effects of such program on their subjective well being, self concept and satisfaction concerning the accomplishment of expectancies. They were 40 to 89 year old (60 and more = 61%); the majority were married (40%) or widowed (36,5%); 20% were housewives, 37,5% retired and 42,5% employees; 34% had four years of schooling, 19,5% eight, 24,5% eleven and 22% had attended university. The instrument contained 16 five point scales assessing psychosocial variables. Univariate and multivariate analysis showed positive effects on self-concept (associated to the improvement of social valuation, social acceptance, respect and self confidence); self-efficacy (mostly by perceived benefits on cognition and productivity related to the opportunity of enhancement of knowledge and self development, enlargement of social contacts and good management of free time); subjective well being (indicated by perceived benefits on physical health, attitudes toward aged people, life satisfaction, perceived physical capacity, future perspective, activity and family relations) and perspective on life course (strategies of coping with death and attitudes towards the youngest). Regardless educational level, conjugal status and job level, 60 to 69 year old women scored significantly higher than other age groups. They mainly associated perceived gains with opportunity of improving knowledge, social contacts and self development, while 50 to 59 year old subjects stressed opportunities to self contact. Subjects of all age groups were similarly satisfied with university attendance seen as a possibility of taking advantage of free time.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente caracterizado como país jovem, o Brasil vem vivenciando um aumento gradativo do seu segmento populacional, composto por pessoas com mais de 60 anos de idade. Essa mudança, associada à diminuição das taxas de natalidade e de mortalidade, vem acarretando modificações na estrutura etária da população. A partir de 1980, o grupo de jovens com menos de 15 anos passou a pesar bem menos na população global e, ao mesmo tempo, aumentou o peso relativo do contingente com 60 anos ou mais. A proporção de pessoas com 60 anos ou mais anos de idade passou de 4,2% do total populacional, em 1960, para 5,1% em 1970, e 6,1% em 1980 (Berquó, 1996).

Atualmente, os brasileiros com mais de 60 anos chegam a ocupar 7,3% da população e as previsões apontam que, em 25 anos, chegarão a 15%, semelhante ao que já ocorre em vários países europeus, nos Estados Unidos, Canadá e Japão, nos quais o envelhecimento populacional incorporou-se mais lentamente às experiências sócio-culturais. Nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, a mudança demográfica sucedeu mais recentemente, porque o seu desenvolvimento sócio-econômico progrediu de forma diferente ao da Europa. Na França, foram precisos 115 anos para a população idosa dobrar de 7% para 14%. No Japão, a industrialização foi implantada mais tarde, o envelhecimento se deu mais rapidamente e, atualmente, há o dobro da população idosa que havia em 1970, conseqüência do progresso observado no Pós-Guerra (Kalache, 1987).

A população idosa tem sido a de maior crescimento no Brasil. Segundo Berquó (1996), espera-se chegar ao final do século com 8.658.000 idosos, ou seja, 1 em cada 20 brasileiros terá 65 anos ou mais. Este número crescerá para 16.224.000 em 2.020, quando 1 em cada 13 pertencerá à população idosa.

O crescimento deste segmento populacional traz importantes repercussões para os campos social e econômico, uma vez que um número crescente de pessoas está passando a depender da Previdência e dos serviços públicos de saúde e

assistência social. No entanto, são muito precários os benefícios concedidos aos idosos pelo Estado. Os problemas dos idosos, principalmente os mais pobres, são agravados pelas aposentadorias e pensões irrisórias, e a diminuição da possibilidade de os mais jovens ampararem os parentes idosos, em virtude de fatores econômicos. A essa realidade somam-se as decorrências sociais da vida não produtiva que, muitas vezes, impedem os idosos de encontrar novos espaços de realização pessoal.

Desde os anos 80, mas de forma mais acentuada nesta década, está ocorrendo no Brasil um aumento do interesse pelo destino da população idosa, refletido, por exemplo, no aumento da consciência sobre os efeitos do envelhecimento populacional e na aceitação da idéia de que, os idosos, onerarão menos a família e os serviços de saúde, quanto mais puderem permanecer ativos e integrados no meio social. O aparecimento de um elevado número de Universidades da Terceira Idade, em várias regiões do país parece ser um reflexo dessa conscientização. Uma outra interpretação para o aumento do interesse da população, por atender a ofertas de alternativas educacionais feitas pelas Universidades, é que existiria uma forte e crescente demanda por educação, por parte dos segmentos populacionais, que envelheceram à margem da educação superior e que vêem nela um instrumento para ascensão social e aquisição de conhecimentos.

A Gerontologia e a Psicologia têm numerosos argumentos em favor da promoção da integração e da participação dos idosos na vida social. O principal deles é que as novas aprendizagens, promovidas pela educação formal e informal, são um importante recurso para manter a funcionalidade, a flexibilidade e a possibilidade de adaptação dos idosos. Um dos pressupostos da perspectiva de curso de vida em Psicologia é, de fato, que o envelhecimento não implica necessariamente em doenças e afastamento, e que a velhice, enquanto fase do desenvolvimento humano, permite não só a ocorrência de perdas, como também de ganhos, sendo estes essencialmente de natureza compensatória. Nesse modelo é

dada grande ênfase à atuação da educação como instrumento de promoção de uma velhice bem sucedida, isto é, com boa qualidade de vida biológica, psicológica e social. As oportunidades educacionais são apontadas como importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, porque se acredita que intensificam os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos, e o aperfeiçoamento pessoal.

Embora sejam posteriores e bem mais elaboradas cientificamente, essas idéias são compatíveis com a formulação básica da teoria da atividade, veiculada pela Gerontologia na década de 50, segundo a qual quanto mais ativo o idoso, maior a sua chance de envelhecer bem. Tal concepção fundamentou as primeiras iniciativas de educação voltada para o idoso, ocorridas na Europa na década de 60, nos Estados Unidos na década de 70 e, depois, em muitos outros países em todo o mundo. No Brasil essa concepção foi veiculada pelo Serviço Social do Comércio - SESC, quando a entidade promoveu a fundação dos primeiros grupos de convivência e de reflexão sobre a aposentadoria, bem como os primeiros movimentos organizados e as primeiras Escolas Abertas, visando à promoção do lazer e da educação para idosos, no início dos anos 70. A iniciativa pioneira do SESC refletiu-se na criação de entidades similares por todo o país, principalmente nos últimos 10 anos. Além de proporcionar vantagens para a população idosa, essas iniciativas têm proporcionado espaços e oportunidades para a discussão do fenômeno velhice e, também, para a investigação de suas características no país.

A intensificação dos estudos empíricos e teóricos sobre velhice ocorrida nos Estados Unidos, e em vários países da Europa nos anos 60, coincidiu com a aceleração do seu envelhecimento populacional, tal como está ocorrendo hoje no Brasil. Ao contrário do que acontece aqui, porém, nestes países o envelhecimento populacional ocorreu num contexto de grande bem-estar social, para o conjunto da população, e de possibilidades crescentes de envelhecer bem, para os adultos maduros. Foi nesse contexto que ocorreram numerosas pesquisas visando a identificar condições que possibilitam uma boa qualidade de vida na velhice, ao

mesmo tempo em que se investiam recursos em pesquisas longitudinais, voltadas para a identificação das características do envelhecimento normal e do patológico. Por exemplo, nas décadas de 60 e 70 formaram-se vários grupos de pesquisa longitudinal sobre a vida adulta e a velhice, como por exemplo o de Bonn (Thomae, 1951 e 1969); o de Kansas City (Neugarten, 1964, e Guttman, 1964); o de Cornell (Streib & Schneider, 1971); o de Duke, (Palmore, 1970); e os das Universidades da Pennsylvania (Schaie, 1958) e de West Virginia (Britton & Britton, 1972), os quais, em conjunto, lançaram as bases para a construção da perspectiva de curso de vida, na Sociologia e na Psicologia do Envelhecimento (Birren & Birren, 1990). Decorreram, desse conjunto de trabalhos, as noções que permitiram o estabelecimento da noção de velhice bem-sucedida e a investigação de fatores a ela associados. Entre eles ressalta-se a educação, tema de que tratará o próximo tópico.

1. Velhice Bem-Sucedida e Educação

O envelhecimento implica crescente exposição a um grande número de desafios associados às mudanças biológicas, psicológicas e sociais típicas desse processo, e que podem representar risco ou ameaça à manutenção dos níveis habituais de funcionamento. Os adultos maduros e idosos têm que lidar com crenças sociais e os estereótipos da velhice, que geralmente supervalorizam as perdas, as incapacidades, as restrições e o declínio, sem considerar a possibilidade de ocorrência de ganhos evolutivos e compensatórios.

À medida que aumentam os conhecimentos sobre as condições motivacionais e de personalidade, associadas ao envelhecer bem, ganha realce na literatura psico-gerontológica o conceito de envelhecimento bem-sucedido (Neri, 1997).

Embora não se tenha chegado ainda a uma definição final sobre envelhecimento bem-sucedido, há um consenso, entre os teóricos, de que o termo possa ser definido como um nível relativamente alto de saúde física, funcionamento social e bem-estar psicológico, que são relacionados à competência adaptativa (Deps, 1993; Goldstein, 1995).

Para Baltes & Baltes (1990), o conceito de velhice bem-sucedida inclui a noção de que o requisito fundamental para uma boa velhice é a preservação do potencial para o desenvolvimento do indivíduo. Um envelhecimento satisfatório está relacionado a uma boa qualidade no transcurso de vida de um indivíduo, o que significa que o conceito não se restringe à velhice, mas considera a influência histórica de fatores ontogenéticos, sócio-culturais e individuais. Envelhecer bem depende do equilíbrio entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, que o levará a lidar com os diferentes graus de eficácia, com as perdas ocorridas com o envelhecimento. O envelhecimento bem sucedido não pode ser visto como um conjunto único de condições, ou como uma única trajetória de envelhecimento, mas como um processo geral de adaptação. O indivíduo idoso seleciona e se

concentra naqueles domínios que são altamente prioritários, e que envolvem a convergência das demandas ambientais e da capacidade biológica, das habilidades e das motivações individuais. A discussão sobre envelhecimento bem-sucedido converge para a busca de fatores e condições que ajudem o entendimento dos potenciais do idoso e, se necessário, a identificação das maneiras de modificar a atual natureza do envelhecimento.

Segundo Baltes & Baltes (1990), são os seguintes os pressupostos sobre a natureza do envelhecimento bem-sucedido, numa perspectiva de curso de vida:

1. Existem diferenças entre velhice normal (ausência de patologias biológicas e psicológicas), ótima (concernente a algum critério ideal de bem-estar pessoal e social) e patológica (presença de síndromes típicas da velhice e/ou de doenças crônicas);
2. O envelhecimento é uma experiência heterogênea, depende de como cada pessoa organiza seu curso de vida, a partir de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o envelhecimento normal, e da interação entre fatores genéticos e ambientais;
3. Na velhice fica resguardado o potencial de desenvolvimento, dentro dos limites da plasticidade individual;
4. Os prejuízos do envelhecimento podem ser minimizados pela ativação das capacidades de reserva para o desenvolvimento, dentro dos limites da plasticidade individual;
5. As perdas na mecânica do funcionamento intelectual podem ser compensadas por ganhos na pragmática;
6. Com o envelhecimento, o equilíbrio entre ganhos e perdas torna-se menos positivo;
7. Os mecanismos de auto-regulação da personalidade mantêm-se intactos, em idade avançada.

De acordo com Neri (1993), a identificação das condições que permitem envelhecer bem, com boa qualidade de vida e senso pessoal de bem-estar, é tarefa

de várias disciplinas, no âmbito das ciências sociais, e permite intervenções mais adequadas para promoção do bem-estar do idoso, como também melhor compreensão do desenvolvimento ao longo da vida. Velhice bem-sucedida é uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, tendo como referência os ideais da sociedade, as condições e os valores existentes no ambiente em que o indivíduo envelhece, e as circunstâncias de sua história pessoal e de seu grupo etário.

Envelhecer bem depende das oportunidades do indivíduo quanto a usufruir condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante todo o seu curso de vida. Esses são elementos básicos à determinação da saúde (tanto a real como a percebida); da longevidade; da atividade; da satisfação; da produtividade; da capacidade cognitiva e da competência social; da capacidade de buscar e manter contato e suporte social, com familiares e amigos; das capacidades de auto-regulação da personalidade; do nível de motivação individual para a busca de informação e para interação social, todos estes indicadores de uma velhice bem-sucedida (Neri, 1995).

Podemos concluir que um envelhecimento bem-sucedido depende de um conjunto de fatores. O fator de ordem econômica é fundamental para promover saúde física e educação ao longo do curso de vida. A promoção de uma melhor qualidade de vida através da educação favorece o seu desenvolvimento e suas adaptações sociais.

Os programas educacionais para idosos funcionam como instrumento para prolongar, até a terceira idade, o processo de socialização que se inicia na infância, atravessa a adolescência, atinge a idade adulta e a velhice. A pessoa idosa continua a ser considerada como objeto, sujeito e agente da socialização - próprio e do outro. Se na infância e adolescência, a atualização dos valores e normas ocorre especialmente através da escola, na Terceira Idade a educação é concebida como oportunidade de atualização, aquisição de conhecimentos e participação em atividades culturais, sociais, políticas e de lazer. Por outro lado, o idoso será

considerado mais como agente do que como objeto da ação educativa (Pereira,1980).

Segundo Peterson (1990), um dos objetivos da educação é propiciar aos adultos maduros e idosos, oportunidade de crescimento pessoal, através do aprendizado de novos conhecimentos e ocupação do tempo livre, trazendo benefícios para o seu bem-estar físico e emocional, sua qualidade de vida e oferecendo oportunidades de contatos sociais. O autor também sugere que a educação para adultos maduros e idosos pode atuar na eliminação do analfabetismo e desenvolver habilidades para resolver problemas atuais, prevenindo futuros.

Moody (1976, in Peterson, 1990) afirma que existem quatro posições ou atitudes básicas, que os educadores assumem, quanto à educação para idosos. Segundo o autor, essas posições, ou atitudes básicas, correspondem a diferentes programas contemporâneos de educação para idoso:

1. Rejeição: esta posição percebe os idosos como dispendiosos dentro da sociedade tecnológica. A sociedade tenta isolá-los, pois são vistos como improdutivos e torna-se impróprio despender recursos econômicos para educá-los. Obviamente esta perspectiva é rejeitada pela gerontologia atual;

2. Oferta de Serviços Sociais: baseada na convicção de que os problemas do idoso devem ser resolvidos através de mudanças na política pública, esta posição defende a implantação de serviços sociais direcionados aos idosos e financiados pelo governo. Os programas educacionais, inseridos nestes serviços, devem solucionar questões como o analfabetismo e auxiliar o desenvolvimento de estratégias referentes ao enfrentamento dos problemas típicos da idade;

3. Participação: segundo esta orientação, o idoso deve participar ativamente na sociedade em que está inserido, contribuindo com seus conhecimentos acumulados ao longo da vida. Neste sentido, a educação é dirigida à tentativa de desenvolver novos papéis para o idoso, preservando sua dignidade. Os programas educacionais incentivam e preparam o indivíduo para a participação de atividades

sociais, propiciando melhor qualidade de vida para si mesmo e seus companheiros da mesma faixa etária. A educação é, assim, uma forma de resgatar a cidadania do idoso;

4. Auto-atualização: esta categoria enfatiza o desenvolvimento psicológico e espiritual como importante resultado de programas educacionais. Moody sugere que a educação para os idosos, traz a possibilidade, de integrar as experiências e os conhecimentos acumulados através do curso de vida, embora as questões relativas à espiritualidade e ao significado de vida sejam tópicos difíceis de serem contemplados em currículos usuais.

Na realidade, e ainda de acordo com Moody, a maioria dos programas de educação dirigidos a idosos constituem numa combinação dessas quatro posições.

O impacto da educação sobre a qualidade de vida dos idosos, em suas várias modalidades, tem sido demonstrado por vários estudos.

Na tese de doutorado sobre “estresse, enfrentamento e satisfação na vida entre idosos: um estudo sobre envelhecimento bem-sucedido”, tendo como sujeitos 66 alunos de uma Universidade da Terceira Idade, Goldstein (1995) concluiu que os programas educacionais direcionados a adultos maduros e idosos proporcionam a esses indivíduos a oportunidade de obter suporte emocional, informacional e instrumental, podem ter efeitos poderosos no enfrentamento do estresse e, conseqüentemente, contribuem para um envelhecimento bem-sucedido.

Browning (1995) destaca que os programas educacionais direcionados aos idosos propiciam benefícios em sua vida diária, promovem o bem-estar, reavivam fatores motivadores para a aprendizagem, que estavam escondidos desde a juventude, e contribuem para a aquisição de novas habilidades cognitivas em atividades práticas.

Em Panayotoff (1993), a educação é vista como uma atividade que promove sentimentos de bem-estar, proporciona relações interpessoais e tem impacto positivo na vida dos idosos no que se refere à depressão, à satisfação social e aos

sintomas de envelhecimento; concluiu, assim, que a educação funciona como um espaço terapêutico para os idosos.

Estudos como os de Manheimer & Snodgrass (1993), que analisam pesquisas desenvolvidas pela University of North Carolina em Asheville, tendo como sujeitos grupos de aposentados, demonstram que programas educacionais para pessoas da Terceira Idade contribuem para o crescimento pessoal, proporcionam oportunidades de trabalhos na comunidade, favorecem o desenvolvimento da criatividade e da produtividade, criam espaços de socialização e aquisição de novos conhecimentos, e podem contribuir com novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice.

Ou seja, já existem numerosas evidências empíricas e de pesquisa de que a participação em iniciativas educacionais têm relação com a implementação da atividade, da satisfação, da saúde percebida e das habilidades cognitivas entre os participantes; todos estes elementos são indicadores de um envelhecimento bem-sucedido. Groombridge, (1982 in Swindell & Thompson, 1995) oferece alguns motivos para que os planejadores de políticas sociais e educacionais, e os idosos em particular, reconheçam a importância da educação. São seguintes os argumentos do autor:

1. A educação pode ajudar os adultos maduros e idosos a terem mais autoconfiança e independência, reduzindo as possibilidades de dependerem de recursos públicos e privados;

2. A educação é primordial na capacitação dos idosos, ao lidarem com os inumeráveis problemas práticos e psicológicos em um mundo complexo, fragmentado e em mudanças;

3. A educação para e pelo idoso intensifica sua atuação e contribuição para a sociedade;

4. A possibilidade de aumentar o auto-conhecimento, compreender-se melhor e comunicar as próprias experiências às outras gerações favorece o

equilíbrio, as perspectivas pessoais e de mundo, qualidades valiosas em um mundo em mudança;

5. A educação é crucial para muitos idosos motivados para a aprendizagem e a comunicação.

Groombridge ainda salienta a importante contribuição da educação para a diminuição da dependência da população idosa, pela previdência, e os benefícios sobre a saúde e o bem-estar.

A oferta de oportunidades educacionais a adultos maduros e idosos é amplamente justificada pela natureza potencializadora da educação e pelo seu potencial compensatório. Além disso, a participação em atividades educacionais pode favorecer o aumento da atividade, do envolvimento social, do engajamento, do senso de auto-eficácia e do bem-estar subjetivo dos idosos (Neri, 1997).

2. Bem-Estar Subjetivo na Velhice: a importância das relações sociais

Bem-estar subjetivo, segundo Diener & Suh (1997), é um importante indicador da qualidade de vida de um indivíduo e refere-se à forma pela qual as pessoas avaliam suas vidas. Para os autores, este constructo possui dois componentes básicos: o cognitivo e o afetivo. O componente cognitivo está ligado às avaliações que o indivíduo faz da própria vida como um todo, como a satisfação, ou avaliações de domínios específicos da vida, como o trabalho e o matrimônio. O componente afetivo caracteriza o tipo de experiência emocional que o indivíduo pode vivenciar: experiências emocionais agradáveis, quando o indivíduo percebe que está tudo bem; desagradáveis, quando o indivíduo percebe que algo está errado em sua vida.

Para George (1990), bem-estar subjetivo refere-se às percepções do indivíduo sobre a sua qualidade de vida. Segundo a autora, vários teóricos já utilizaram uma série de conceitos específicos para avaliação do bem-estar

subjetivo dos indivíduos, sendo que os mais citados são a satisfação de vida, a moral e a felicidade. Estes indicadores possuem semelhanças importantes. Todos são subjetivos, referem-se a avaliações gerais da qualidade de vida dos indivíduos e tendem a ser altamente inter-relacionados. A autora salienta que os estudos realizados, nos últimos 25 anos, com adultos maduros e idosos - quando a satisfação foi utilizada como indicadora de bem-estar subjetivo - demonstraram que, em termos de idade, o bem-estar subjetivo permanece estável durante a velhice, enquanto os adultos mais jovens são sensíveis a mudanças conforme as circunstâncias da vida.

Diener & Suh (1997) avaliam a importância das pesquisas que revelam dados sobre o bem-estar subjetivo dos indivíduos. Para os autores, estes estudos indicam como as pessoas percebem as suas próprias vidas e experiências, e julgam o que acreditam ser realmente importante. Ao obtermos dados sobre o bem-estar subjetivo de pessoas maduras e idosas, torna-se possível a organização de condições que venham contribuir para a melhoria de sua qualidade de vida, como também trazer benefícios à compreensão dos processos psicológicos básicos do envelhecimento. Os autores apresentam alguns exemplos de ganhos (científicos) possíveis, através da compreensão teórica sobre o bem-estar subjetivo dos idosos. O conhecimento sobre a situação emocional do idoso pode ajudar os pesquisadores a entenderem as mudanças biológicas e os processos de adaptação que afetam estas mudanças. Outro exemplo, é o conhecimento sobre a relação entre idade e bem-estar, que demonstra níveis de satisfação de vida relativamente altos nos idosos, mesmo mediante circunstâncias objetivas indesejáveis. Os autores concluem: os estudos sobre o bem-estar subjetivo ao longo do curso de vida, oferecem dados de como melhorar a qualidade de vida dos indivíduos e compreender os aspectos psicológicos relacionados a emoção e avaliação da própria vida.

Esses mesmos teóricos revisaram vários estudos internacionais, realizados nos diversos continentes e principais regiões do mundo, sobre a relação entre idade e bem-estar subjetivo, por acreditarem que estas pesquisas possuem resultados

estáveis e significativos, que vão além das descobertas das amostras pequenas e de conveniência empregadas neste campo. Nestes estudos, foram examinadas respostas de pessoas jovens, maduras e idosas, sobre alguns componentes principais de bem-estar subjetivo: satisfação de vida, contentamento e descontentamento, e satisfação em relação às finanças e às relações sociais (Diener & Suh, 1997).

Várias conclusões importantes foram obtidas através dos dados provenientes destas pesquisas. Primeiro, o indicador satisfação de vida não apresenta declínio com a idade. Os adultos maduros tendem a diminuir o nível de aspirações e padrões, quando envelhecem e ajustam suas metas pessoais aos seus recursos e competências atuais. As coortes mais velhas apresentam expectativas mais baixas, e são mais facilmente satisfeitas. A segunda conclusão importante é que o nível de contentamento é mais baixo em coortes etárias sucessivas. Emoções desprazerosas permaneceram relativamente constantes pelas coortes etárias. Para os homens, a satisfação de vida aumenta significativamente através das coortes e o descontentamento diminui. Para as mulheres, a satisfação de vida e o descontentamento permanecem constantes pelas coortes etárias. Em contraste, o contentamento declina para ambos os sexos na maioria dos países. Estas tendências dependem do nível de estímulo das emoções que são avaliadas. Terceiro, a estrutura de fatores para os níveis de contentamento e descontentamento reproduz-se através das coortes etárias. Isto sugere que grupos de idades diferentes podem ser validamente comparados, em termos de contentamento e descontentamento.

Segundo Diener & Suh (1997), o estereótipo de que os idosos estão infelizes com o processo de envelhecimento, que eles estão sós e isolados, abandonados e doentes, não é verdadeiro para grande parte dos sujeitos que participaram das pesquisas internacionais. Existem dados suficientes para reconhecermos que as pessoas possuem condições de adaptar-se, interagir no seu ambiente, e alcançar níveis positivos de satisfação de vida na velhice.

Para Carstensen (1995), as pessoas idosas interagem socialmente com menor frequência que as pessoas mais jovens, mas isto não significa que a velhice é um tempo de sofrimento, rigidez e melancolia.

Algumas teorias tradicionais sobre relações sociais na velhice, abordam da seguinte forma o envelhecimento social:

A teoria do desengajamento ou afastamento sustenta que a redução do contato social na velhice representa um mecanismo adaptativo, por meio do qual o idoso dissocia-se da sociedade e a sociedade dissocia-se do idoso. Os pressupostos básicos da teoria são que o afastamento social é mútuo e adaptativo, e o distanciamento emocional em relação aos outros é parte desse processo normativo. Ocorre uma espécie de acordo tácito entre os idosos e a sociedade, quanto a obrigatoriedade dos seus membros mais maduros cederem lugar aos membros mais jovens. Em resumo, a teoria defende a idéia de que os afastamentos emocional e social permitem à sociedade preparar-se para a perda dos indivíduos e, aos indivíduos, prepararem-se para a morte (Neri, 1993; Carstensen, 1995).

Contrastando totalmente com esse ponto de vista, a Teoria da Atividade sugere que, quanto mais ativo o idoso, maior sua satisfação na vida. Presume que os idosos desejam manter-se ativos e envolvidos em contatos sociais, mas que, com frequência, são prejudicados pelas barreiras físicas e sociais impostas pela idade. Os teóricos da atividade sustentam que o rebaixamento na frequência de interações é sintomático de problemas e pressões, e ocorre independentemente das necessidade e desejos dos idosos (Neri, 1993; Carstensen, 1995).

A Teoria de Trocas Sociais possui, como argumento principal: à medida que os membros mais velhos da rede de relações sociais passam a contribuir menos para as relações interpessoais, estas vão perdendo significado, o que determina um enfraquecimento dos vínculos sociais (Carstensen, 1995).

Para Carstensen (1995), estes modelos tradicionais do envelhecimento social vêem as mudanças que ocorrem na velhice como modelos únicos desta fase da vida. Segundo os teóricos do desengajamento, a proximidade da morte leva a um

desligamento dos laços emocionais; para os teóricos da atividade, o preconceito social é responsável pelas mudanças; e, para os teóricos das trocas sociais, as perdas biológicas e sociais relacionadas à idade ameaçam a reciprocidade dos relacionamentos. Neste sentido a autora destaca a importância de se abordar modelos teóricos que enfocam o envelhecimento social sob uma perspectiva de curso de vida. Se, por um lado, o contato social diminui com a idade, por outro lado, os relacionamentos sociais são muito importantes, predizendo bem-estar psicológico, saúde e longevidade. Sob uma perspectiva de curso de vida, a diminuição das taxas de contato social pode ser causada por uma queda seletiva do contato em alguns relacionamentos, mas não em outros. É necessário, portanto, considerar uma base motivacional para as mudanças relativas à idade.

Em oposição às teorias tradicionais do envelhecimento social, as teorias atuais, fundamentadas numa perspectiva de curso de vida, demonstram-nos como os adultos maduros e idosos, podem obter bons níveis de bem-estar subjetivo, através de atividades e contatos sociais que facilitam a manutenção da competência nos domínios da sua saúde física e mental ao longo da velhice.

A Teoria do Comboio Social, introduzido por Kahn e Antonucci em 1980, caracteriza-se como uma teoria de curso de vida, que enfoca o desenvolvimento e acúmulo de interações, considerando-se que os indivíduos constroem e mantêm suas relações sociais, ao longo da vida, com pessoas que lhe são significativas. É basicamente um modelo hierárquico, segundo o qual os indivíduos são cercados por um número grande de pessoas, com as quais mantêm relações caracterizadas por diferentes graus de intimidade e importância. Os membros do comboio que são mais íntimos ao indivíduo (cônjuges, familiares ou amigos), demonstram maior influência, quer positiva ou negativa, que os mais distantes (Carstensen & Lang, 1997; Antonucci & Akiyama, 1997). Segundo Goldstein (1995a), o modelo do comboio social “refere-se aos grupos de pessoas que acompanham as experiências e vicissitudes do indivíduo ao longo de seu curso de vida, amparam-no, acolhem suas angústias, reafirmam o seu valor, ajudam-no a reinterpretar suas experiências,

servem de amortecedores nas situações de enfrentamento de eventos negativos e, de certa forma, dão sentido à sua história pessoal. As relações dentro desses grupos-comboio são hierarquizadas, ou, algumas, são mais íntimas do que as outras, como foi observado por Antonucci e seus colaboradores em uma pesquisa com 718 americanos de mais de 50 anos. Esta pesquisa evidenciou que essas redes são muito estáveis e sua presença, independentemente do seu tamanho, está relacionada a um significativo aumento do bem-estar subjetivo, principalmente em situações de ocorrência de eventos de vida negativos” (p.157). Na velhice, os grupos-comboio podem ser particularmente importantes para o bem-estar subjetivo do indivíduo, quando muitas características sócio-estruturais do ambiente (por exemplo, trabalho) diminuem ou desaparecem, e os papéis auto-definidos (por exemplo, paternos) tornam-se instrumentalmente menos ativos.

Em 1987, Antonucci e Jackson desenvolveram a Teoria de Suporte/Eficácia das Relações Sociais, para explicar os processos e mecanismos pelos quais as relações sociais podem ter efeito positivo na saúde e no bem-estar subjetivo dos idosos. Estes teóricos destacam que, através de interações ininterruptas com pessoas que são significativas e incentivadoras, os idosos desenvolvem a convicção de que possuem condições para enfrentar os desafios que lhe estiverem à frente, como, por exemplo, um problema de saúde. Estas interações proporcionam ao indivíduo habilidade para alcançar e manter competência, na medida em que elas são ininterruptas e as pessoas participantes destas interações estão ligadas à história de vida do idoso. Interações contínuas e íntimas, podem proporcionar ao idoso, um efeito positivo e cumulativo à sua saúde e ao seu bem-estar. No contexto de se manter competência social ao longo da velhice, esta perspectiva teórica indica que “outros significantes” podem ajudar os idosos a adaptarem-se às transformações que surgem com o processo de envelhecimento. Este modelo é proposto, pelos autores, como um guia útil para o entendimento da associação entre as relações sociais e a saúde (Antonucci & Akiyama, 1997).

A Teoria de Seletividade Sócio-Emocional elaborada por Carstensen, em 1991, é uma teoria do comportamento social de curso de vida, fundamentada nas propriedades funcionais e motivacionais da interação social. Segundo a autora, a diminuição dos contatos reflete a reorganização da hierarquia de metas, que embasam a motivação para o contato social e levam à maior seletividade de parcerias sociais. Tal reorganização não ocorre por acaso. A auto-definição, a busca de informações e a regulação da emoção são valorizadas diferentemente, dependendo não somente das experiências passadas, mas também do lugar da pessoa no curso de vida e as concomitantes expectativas sobre o futuro. Grande parte do conhecimento dos indivíduos sobre o mundo é derivada da interação social. A transmissão da cultura (conhecimento, moral, crenças, artes, costumes), de geração a geração, ocorre, em grande parte, através de meios sociais. A busca de informações não cessa em nenhum estágio da vida, porém, para a autora, com o passar da idade os indivíduos tornam-se mais criteriosos e seletivos; na velhice, optam por relacionamentos que lhes tragam ganhos emocionais e que conservem seus recursos físicos e cognitivos (Carstensen, 1995; Carstensen & Lang, 1997).

Pelo exposto, através das teorias que enfocam as relações sociais sob uma perspectiva de curso de vida, podemos concluir que, para os adultos maduros e idosos, os contatos sociais são motivados por eventos que propiciam bem-estar e interações sociais significativas, e oferecem suporte social. Segundo Dets (1993), contatos sociais, mantidos regularmente, são os de maior significância como mediadores de suporte social. Destacamos aqui a promoção de programas educacionais destinados a esta coorte etária. Tais programas têm importante papel a desempenhar no estabelecimento do bem-estar subjetivo do adulto maduro e do idoso, pois podem propiciar, atividades físicas e mentais, significado e satisfação à existência, quer pelo compromisso e responsabilidade social neles implícitos, quer pela oportunidade de aquisição e atualização de conhecimentos, e manutenção do convívio social.

Neri (1997) salienta que os níveis de renda e de escolaridade, boas condições de vida, boa saúde, uma suficiente rede de amigos, a manutenção de relações familiares, a atividade, dentre outros fatores, contribuem para o bem-estar subjetivo, para a motivação, e para o senso de auto-eficácia e, conseqüentemente, para o funcionamento global dos idosos. Segundo a autora, se as sociedades enfatizassem o potencial humano para o desenvolvimento ao longo de todo o curso de vida, ao invés de realçar as transformações físicas e comportamentais que advêm com a idade, provavelmente os idosos poderiam ser mais produtivos. Se tiverem chance de ver confirmados seus sucessos, nos limites de suas potencialidades e se tiverem oportunidades educacionais, poderão desenvolver-se e, na interação com o ambiente físico e social, obter satisfação e senso de eficácia pessoal.

Compartilhar de atividades grupais com pessoas da própria geração favorece o bem-estar subjetivo do idoso, porque facilita a emergência de significados comuns e a maior aproximação interpessoal (Deps, 1993).

Neste contexto, o programa Universidade da Terceira Idade pode ser considerado como fonte de apoio informal aos adultos maduros e idosos, através do contato contínuo que se estabelece entre amigos, colegas e professores.

A manutenção da educabilidade dos idosos, e de suas interações sociais, pode depender da oferta regular de oportunidades educacionais significativas, como as oferecidas pelas Universidades da Terceira Idade, que proliferam por diversos países, favorecendo o bem-estar subjetivo e, conseqüentemente, contribuindo para melhor qualidade de vida dos adultos maduros e idosos que as procuram.

3. O programa Universidade da Terceira Idade sob a perspectiva da Gerontologia Educacional e da Educação Permanente

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico, e posterior leitura e estudo dos textos que nesta pesquisa foram utilizados, chamou-nos a atenção a diversidade de termos que são utilizados para designar a educação destinada aos adultos maduros e idosos, e ao programa Universidade da Terceira Idade. Nossa preocupação inicial foi tentar clarificar estes termos e descrever os que, por suas definições teóricas, mais se aplicam a este Programa.

Na literatura norte-americana, inglesa e canadense encontramos a expressão *Educational Gerontology* (Gerontologia Educacional) que, conforme relataremos a seguir, é um termo que, segundo sua própria definição, se aplica à educação de adultos maduros e idosos, e aos programas educacionais destinados a essa população, incluindo as Universidades da Terceira Idade.

O termo Gerontologia Educacional foi utilizado pela primeira vez na Universidade de Michigan, em 1970, como título de um programa de doutorado. Este programa tinha a finalidade de abordar questões acerca da educação e dos idosos. Entre 1976 e 1980, os pesquisadores norte-americanos procuraram definir o que realmente significava Gerontologia Educacional.

Segundo Glendenning (1985), os americanos foram os precursores nos estudos sobre gerontologia social, no desenvolvimento da psicologia sobre curso de vida e na Gerontologia Educacional. Um número considerável de pesquisas foi dedicado à educação e aos idosos, sendo David A. Peterson, o pesquisador que mais se empenhou em definir e estudar a área de Gerontologia Educacional. Durante a década de 50 até meados da década de 70, os pesquisadores americanos que tinham interesse na educação dos idosos, se dedicavam exclusivamente à prática, havia poucos que pensavam em desenvolver um corpo de conhecimentos sobre educação, gerontologia e integração das várias tarefas educacionais. Frente a esta realidade, em 1976, Peterson propôs uma definição de gerontologia

educacional: “Gerontologia Educacional é um campo de estudo e prática de métodos e técnicas de ensino, numa tentativa de integrar as instituições e processos de educação com o conhecimento do envelhecer e as necessidades do idoso.”(Glendenning, 1985; Peterson 1990).

Compreende três áreas:

1. Educação para os idosos - programas educacionais voltados a atender às necessidades da população idosa, considerando as características desta coorte etária;

2. Educação para a população em geral sobre a velhice e os idosos - programas educacionais como um espaço intergeracional, que possibilita à população mais jovem rever seus conceitos sobre a velhice e o seu próprio processo de envelhecimento;

3. Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos - ocorre através da capacitação técnica de profissionais, para a prestação de serviços direcionados à pessoa idosa e à formação de pesquisadores.

Esta definição repercutiu favoravelmente. A Gerontologia Educacional tornou-se um campo emergente de estudo e prática tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, no Canadá e em países europeus. Encontramos dados que comprovam esta afirmação em Glendenning (1985, 1989); Radcliffe (1985) Peterson (1990) e Thornton (1992).

Thornton (1992) analisa da seguinte forma a definição de Gerontologia Educacional apresentada por Peterson: no nível individual, estão as necessidades instrumentais e expressivas, e as competências requeridas para as transições associadas com o desenvolvimento do idoso: preparação para aposentadoria e tempo destinado ao lazer; preparação para padrões de carreira alternados e atividade na comunidade; preparação para manter e aumentar o bem-estar da saúde mental e física; preparação para mudanças em papéis familiares e expectativas;

preparação para estilos de vida alternativos; preparação para outras perdas significantes.

No nível profissional, estas preocupações educacionais se traduzem em novas formas de treinamento profissional, que promovem e disseminam conhecimentos novos sobre os processos de envelhecimento e sobre a qualidade de vida e bem-estar de indivíduos e famílias, em uma sociedade em envelhecimento. Fundamentalmente, o que somos e o que experimentamos é construído pelas organizações sociais dominantes e atitudes culturais, mitos e expectativas. O envelhecimento é visto como um problema da sociedade, como também um problema individual quando muitas pessoas envelhecem ao mesmo tempo, porque desafia nossos mitos, expectativas e recursos. Coletivamente, estas necessidades sugestionam um programa de trabalho de política enorme para nossas organizações educacionais e sociais.

A Gerontologia Educacional postula a idéia de que os adultos, depois da meia-idade, podem aprender, sendo capazes de administrar suas vidas competentemente, e continuar trazendo contribuições significantes e produtivas às suas comunidades. Sob uma perspectiva de curso de vida, o ensino na velhice e os programas educacionais são essenciais para bem-estar social e físico e para o desenvolvimento pessoal.

Amplamente definida por Peterson, a Gerontologia Educacional abrange os empenhos educacionais com o estudo do envelhecimento e da velhice, a fim de conhecer a aprendizagem das pessoas idosas, do público em geral, e dos profissionais no campo do envelhecimento.

Gerontologia Educacional envolve seleção e provisão de métodos e técnicas, para disseminar conhecimentos e habilidades e mudar atitudes, valores, atitudes sobre os processos de envelhecimento e o estudante idoso. Estes aspectos da gerontologia educacional utilizam o corpo de conhecimento e prática, que desenvolvem a educação de adultos. Assim, o papel e a função da gerontologia educacional precisam ser entendidos e analisados: 1) como um método de

organização, ensino, instrução, e facilitação de aprendizado; 2) como uma intervenção social na sensação de socializar e ressocializar estudantes idosos, os que trabalham com eles e o público em geral (Thornton, 1992).

As três categorias de Gerontologia Educacional, no modelo de Peterson, desenvolveram-se nos Estados Unidos, na Inglaterra, e no Canadá, sofrendo adaptações locais conforme a realidade educacional de cada país. Iniciaram-se com os idosos, percebendo suas necessidades e a contribuição que a educação trazia à sua qualidade de vida, e com professores, estudantes de graduação e voluntários, procurando um programa de educação que abordasse questões sobre o envelhecimento – área que, em 1978, Peterson denominou *Gerontological Education* (Educação Gerontológica).

Em 1980, Peterson ampliou sua definição original de Gerontologia Educacional, incluindo o estudo e a prática nas três categorias já existentes.

Baseado em definições educacionais usadas na Inglaterra, Glendenning (1989) propõe que as categorias de Gerontologia Educacional deveriam ser separadas, dividindo o esquema em duas partes:

Gerontologia Educacional – focaliza os processos de aprendizagem dos adultos maduros e idosos;

Educação Gerontológica – focaliza o ensino sobre uma sociedade que envelhece, com a finalidade de: preparar e atualizar para carreiras profissionais em gerontologia; de preparar cuidadores informais; de oferecer à sociedade informações sobre velhice, envelhecimento e necessidades dos idosos.

Segundo Peterson (1990), a Gerontologia Educacional pode ser tanto instrumental quanto expressiva, tanto formal quanto informal, tanto para idosos quanto sobre idosos, tanto teórica quanto prática, tanto remediativa quanto preventiva. A Gerontologia Educacional tem como objetivo promover melhor qualidade de vida aos adultos maduros e idosos, na medida em que explora suas capacidades e previne o declínio físico, psicológico e social do indivíduo. Nessa

mesma óptica, os idosos são vistos como indivíduos com potencial para contribuir, lutar e sobreviver na sociedade.

A Educação Gerontológica guarda estreita relação com a gerontologia social, especialmente no que tange aos fundamentos das políticas e práticas sociais em relação aos idosos, à prática da defesa dos direitos à cidadania pelos próprios idosos e à mudança de atitudes sociais em relação à velhice.

Ainda dentro do contexto da literatura internacional, encontramos o termo *Lifelong Education* que pode ser traduzido como Educação Permanente. Este termo também refere-se à educação de adultos maduros e idosos.

A Educação Permanente é vista como fundamental para a adaptação do idoso, que necessita acompanhar o acelerado processo de mudanças sociais e tecnológicas que vêm ocorrendo no mundo. O idoso que, ainda em idade avançada, se mantém envolvido em atividades educacionais demonstra níveis mais altos de satisfação e bem-estar físico e mental (O' Brien, 1992).

Glendenning (1989) considera os programas de Educação Permanente como primordiais ao desenvolvimento do adulto e do idoso. O autor ressalta que as principais definições de educação permanente tem sido elaboradas para apresentação de relatórios na UNESCO. A seguir, citaremos algumas considerações acerca da educação permanente extraídas do Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenada por Jacques Delors (1996).

Segundo esse relatório, uma Educação Permanente realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode definir-se em relação a um período particular da vida. Temos que aprender de forma constante, interativa e cumulativa. Às vésperas do século XXI, considera Delors, as missões que cabem à educação, e as múltiplas formas de que se podem revestir, fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde à infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas.

É significativa a procura de atividades educacionais por parte dos adultos e dos idosos, através de programas oferecidos em universidades (Universidades da Terceira Idade), em cursos de línguas, em formação profissional e reciclagem, em formação no seio de diferentes associações ou sindicatos, em sistemas de aprendizagem aberta e formação à distância. Em alguns países, como a Suécia e o Japão, as taxas de participação da população na educação de adultos e idosos situam-se por volta de 50% . Tudo leva a crer que o desenvolvimento deste tipo de atividade corresponda, em todo o mundo, a uma forte e firme tendência, capaz de reorientar a educação no seu conjunto, para uma perspectiva de educação permanente. A educação permanente, nos dias atuais, não significa apenas uma necessidade de renovação cultural, mas também, e sobretudo, a uma exigência nova, de autonomia dinâmica dos indivíduos numa sociedade em rápida transformação. Tendo perdido muitas das referências que lhes fornecia a tradição, as pessoas adultas e idosas precisam recorrer, constantemente, aos seus conhecimentos e capacidades de discernimento para poderem orientar-se, pensar e agir. Todas as ocasiões, todos os campos da atividade humana devem contribuir para tal, a fim de fazer coincidir a realização pessoal com a participação na vida em sociedade. E a educação, descompartimentada no tempo e no espaço, torna-se uma dimensão da própria vida (Delors, 1996).

O criador do primeiro programa Universidade da Terceira Idade, Pierre Vellas, ressaltou que “as Universidades da Terceira Idade foram criadas com o propósito de contribuir para o progresso da pesquisa gerontológica, oferecer programas de Educação Permanente, educação para a saúde e ações de serviço à comunidade. Os trabalhos de pesquisa resultam de suas condições essenciais, ou seja, que elas são instituições de caráter universitário, associadas ou integradas às Universidades voltadas para a Gerontologia Educacional. Seu fim é não somente contribuir para a elaboração de vida e saúde de seus estudantes de Terceira Idade, mas trabalhar para o progresso e o conjunto das pessoas idosas” (Association

Internationale des Universités du Troisième Age - AIUTA, 1991; Lefèvre, 1993).

A Universidade Aberta do Uruguai - UNI-3, classifica seu programa como uma experiência concreta de Educação Permanente. “Entendemos que a Universidade deve ser um espaço de educação permanente, intergeracional e de desenvolvimento da Andragogia como ciência da educação de adultos”. A UNI-3 deve demonstrar que o adulto pode aprender em qualquer idade (Bayley, 1994:18).

Na literatura brasileira, o programa do SESC, pioneiro em atividades educacionais para adultos maduros e idosos, é definido como uma modalidade de Educação Permanente.

Um dos objetivos da Educação Permanente é o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Ela lhe abre novos horizontes, dando-lhe condições para experimentar maior liberdade interior e exterior, sentir e expressar sua personalidade de forma mais autônoma e mais autêntica. A pessoa, em condições de se relacionar consigo mesma, é ser capaz de aceitar e de respeitar os demais, de se relacionar significativamente com os outros e com o mundo. Neste sentido, a educação permanente para as pessoas idosas é uma questão vital para a continuidade do seu processo de desenvolvimento, enquanto indivíduo ativo e participante em sua comunidade. As atividades realizadas pelo SESC seguem esses princípios da educação permanente, para que a aprendizagem nos idosos ocorra de forma efetiva e significativa (Cunha,1980).

Washington (1980), referindo-se ao programa do SESC, cita uma definição de educação permanente apresentada por Pierre Furter “ Educação Permanente é uma dialética da educação, como duplo processo de aprofundamento tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela vida ativa, efetiva e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da sua existência” (p.15).

Embora a Educação Permanente seja utilizada como referência para os objetivos da maior parte dos programas de Universidades da Terceira Idade brasileiras, das quais obtivemos informações, também encontramos alguns programas que utilizaram o termo educação continuada. No tópico *Experiências brasileiras com Universidades da Terceira Idade* do presente estudo, descrevemos detalhadamente cada um destes programas e seus objetivos. Através da leitura dos objetivos e das atividades dos programas Universidade da Terceira Idade em nosso país, preferimos considerá-lo como uma modalidade de Educação Permanente, tendo em vista algumas definições deste termo que gostaríamos de destacar.

Em Giubilei (1993), a autora apresenta diversas definições de Educação Permanente, que nos ajudam a esclarecer a diferença entre educação permanente e educação continuada. Destacamos as que mais se aplicam ao programa Universidade da Terceira Idade.

A Educação Permanente é um princípio pedagógico por meio do qual indica-se que o processo educativo é contínuo, ao longo da vida dos indivíduos e em todas suas circunstâncias, supõe ações constantes de capacitação, atualização e aperfeiçoamento (Fonseca, 1984 in Giubilei, 1993).

Ludjowski (1990 in Giubilei, 1993:72), nos dá a clareza dos dois termos ao definir que “Educação continuada equivale à educação de adultos convencional, portanto refere-se ao prolongamento do sistema escolar ao longo de toda a vida, segundo os requisitos da sociedade. Educação contínua introduz a nova concepção do fato educativo global, que passa a popularizar-se entre nós como educação permanente”. Conclui o autor que a educação permanente surge da necessidade de acompanhar as transformações rápidas por que passa o mundo, tanto no aspecto econômico, quanto político e cultural, dando-se essas mudanças em todos os setores da convivência humana; a educação deve prolongar-se ou continuar durante toda a existência do homem, sem limites cronológicos.

Para Furter (1975 in Giubilei, 1993), Educação Permanente se constitui num processo que deve prolongar-se durante a vida adulta, pois os adultos, cada vez mais, sentem necessidade de renovar os conhecimentos e de se reciclarem, para não caírem na rotina e ficarem marginalizados.

Segundo Pedro Freire (1986), pedagogo uruguaio cujas idéias fundamentam o movimento UNI-3 no Uruguai e no sul do Brasil, Educação Permanente é gênero, enquanto educação contínua, continuada, formal, informal, aberta, à distância, são espécies, ou seja, a educação permanente engloba a educação continuada. Daí a importância de se destacar o conceito de permanência em lugar de continuidade. A educação permanente ultrapassa o sentido de duração. Permanente não significa precisamente permanência de valores, mas a permanência do processo educativo. Essa permanência do processo através da vida total do ser humano é o que, hoje, a nova educação propõe, para utilizar todos os meios ao seu alcance.

Através do relato destes termos, constatamos que o programa Universidade da Terceira Idade enquadra-se tanto na perspectiva da Gerontologia Educacional, apresentada pela literatura internacional, como na perspectiva de Educação Permanente, apresentada pela literatura internacional e pela literatura nacional.

Observando-se as propostas atualmente em vigor no Brasil, é possível notar, ou despreocupação, ou confusão conceitual com essas duas expressões, às vezes usadas como equivalentes, às vezes com significados invertidos.

Outro ponto importante a ser notado é que, em sua maioria, as experiências brasileiras de Universidades da Terceira Idade não tem como ponto de partida conhecimentos de base sobre pedagogia para adultos e idosos ou sobre as características dessa clientela. É natural que assim seja, pois o envelhecimento populacional é fato novo, não só no Brasil, como em outros países, o que acarreta uma relativa falta de conhecimentos teóricos, empíricos e tecnológicos para o embasamento de ações junto às pessoas que envelhecem. Espera-se que, aos

poucos as instituições universitárias que foram pioneiras no atendimento educacional à velhice possam refletir de forma consequente sobre suas práticas e, com isso, gerar modelos e princípios de atuação para serem sucessivamente, replicados e aperfeiçoados.

4. Histórico do Programa Universidade da Terceira Idade

4.1. Antecedentes

As primeiras iniciativas de programas de educação para idosos se desenvolveram, através de movimentos de educação para adultos. De acordo com o tempo disponível, interesse e grau de formação escolar, os idosos tomavam parte em cursos de alfabetização, em atividades culturais e recreativas, exercendo o papel tanto de aluno como o de professor. A população idosa sempre procurou na educação um espaço para exercer seu direito à cidadania e como forma de reinserção na sociedade da qual faz parte. Podemos verificar estes fatos nas experiências ocorridas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil.

Num histórico sobre a educação para idosos nos Estados Unidos, Peterson (1990) salienta que os programas educativos para essa população, iniciaram-se por meio de programas de educação continuada, oferecidos a adultos a partir do século XVIII. Nesta época eram grandes as preocupações sócio-político-culturais, pois os primeiros líderes governamentais acreditavam que a democracia tinha suas bases na educação dos cidadãos. O princípio da educação adulta era o desenvolvimento da cidadania: a capacidade para ler e escrever foi desenvolvida para que os indivíduos pudessem participar das decisões da Nação e recebessem orientações religiosas, através da leitura e entendimento da Bíblia. Deste modo, a educação religiosa recebeu uma orientação política e cívica, e muitas das discussões políticas estiveram ligadas ao Cristianismo.

O Presidente Benjamin Franklin foi um dos precursores na criação de atividades educacionais para adultos e idosos nos Estados Unidos. Na Filadélfia, em 1727, ele formou um grupo composto de 12 pessoas denominado Junto. Durante 30 anos este grupo encontrou-se semanalmente para discutir problemas relacionados à sociedade e à comunidade. A Junto liderou a formação de bibliotecas e serviu como estímulo para o estabelecimento de uma organização nacional chamada American Philosophical Society.

Aproximadamente 100 anos após a criação da Junto, outro programa de educação para adultos alcançou a aceitação popular, o Lyceum, que tinha como objetivo levar conhecimentos aos moradores de pequenas cidades rurais, para que fossem aplicados em benefício da própria comunidade. Esse programa, durante mais de 100 anos, foi responsável pelo desenvolvimento intelectual dos moradores rurais.

Posteriormente, foi fundado em 1884, numa assembléia na costa do Lago Chautauqua, Nova Iorque, o movimento Chautauqua, que promovia atividades como música, teatro, conferências, discussões e estudos individuais para membros de diversas igrejas. Apesar de ter sido criado pela Igreja Metodista Episcopal, o programa era basicamente não-denominacional e conseguiu atingir os idosos, pois as atividades ocorriam durante o período de verão, atendendo assim uma maioria de pessoas aposentadas.

Os programas educacionais atuais, para adultos maduros e idosos americanos, refletem a história e a herança destes movimentos pioneiros, principalmente no que se refere a programas destinados aos aposentados, ou a pessoas que estão em período de aposentadoria. Na década de 50, as Universidades de Chicago e Michigan, uniram-se a empresas destes Estados e investiram em cursos de preparação para aposentadoria. Estes cursos foram rapidamente difundidos pela América e, nas décadas de 70 e 80, desenvolveram-se programas de retreinamento para o trabalhador idoso em muitas empresas. Ainda nesta época, ocorreu um grande número de conferências e publicações na área da gerontologia,

tais como: os aspectos do envelhecimento, os interesses educacionais do idoso, planos para a expansão da rede instrucional e treinamento de profissionais para atuarem nos programas educacionais. O interesse pela pesquisa e pelo desenvolvimento de programas orientados para os alunos idosos se proliferaram por todo o país. Uma rede de instituições de ensino superior e de atividades estava emergindo, enfatizando os resultados positivos da educação para os idosos, visando a atualização cultural desta população.

As instituições educacionais americanas começavam a sentir os efeitos dos movimentos internacionais para promover a educação permanente. O programa Universidade da Terceira Idade criado na França trouxe uma multidão de adultos maduros e idosos às universidades, faculdades e serviços comunitários americanos, aumentando o número de alunos que já participavam de programas educacionais, que ainda são oferecidos por todo o país. Dentre eles destacam-se os programas *Ederhostel*, *Institute for Learning in Retirement*, *New School for Social Research*, *The Academy of Senior Professionals at Eckert College* (Dickerson & col., 1990).

Com o crescimento destes programas, a Gerontologia Educacional se desenvolveu consideravelmente, marcada por uma época de conferências e publicações com um enfoque específico no estudante idoso (por exemplo, o periódico *Educational Gerontology*, publicado em 1976).

A população americana aceitou o fato de estar vivendo numa sociedade na qual pessoas de todas as idades necessitam continuar a expandir seus conhecimentos e habilidades, a fim de sobreviverem e prosperarem. Os programas educacionais reforçam a capacidade dos idosos de crescer e se desenvolver valorizando o potencial de cada indivíduo e, em vista do crescimento desta faixa etária, surgem cada vez mais programas educacionais voltados à esta população (Peterson, 1990).

Na Europa, especificamente na França, desde o final dos anos 60, existia em algumas Universidades, um espaço voltado às atividades culturais e à sociabilidade, tendo como objetivo ocupar o tempo livre dos aposentados e

favorecer as relações sociais entre eles. Nesta época, não havia ainda uma preocupação com programas dirigidos à educação permanente, educação sanitária e assistência jurídica, e sim em promover atividades ocupacionais e lúdicas. Segundo Lemieux (1995), estas são as características da primeira geração de Universidades da Terceira Idade, classificadas pelo autor em três gerações, conforme o estudo de seus currículos, sob uma perspectiva histórica. Como exemplo desta primeira geração, Lemieux cita as Universidades para o Tempo Livre, organizadas na França e o Programa Elderhostel, remanescente do Movimento Chautauqua, do século passado, iniciado em 1975 na Universidade de New Hampshire. O Programa Elderhostel abrange hoje cerca de 250 mil pessoas com mais de 60 anos. Independente da formação acadêmica, os idosos participam de aulas, conferências, viagens de turismo, atuam como voluntários em organizações como a *Habitat* e em expedições em favor do meio ambiente. Aproximadamente 1.900 escolas, universidades, museus, parques nacionais, centros de educação ambiental, centros de conferência, outras instituições educacionais e culturais dos Estados Unidos, Canadá, Europa e demais países participam deste programa (Welcome Elderhostel, s.d.) .

No sudoeste da França, em 1973, foi criada, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, a primeira Universidade da Terceira Idade. Sua finalidade era atender uma população que passara por duas grandes Guerras Mundiais (seguramente vivendo-as ativamente, até mesmo em serviços militares) e que, por essa época, usufruía dos benefícios sociais e econômicos do Pós-Guerra. Entre esses benefícios, se ressaltava uma disponibilidade sócio-econômica de tempo livre maior do que era individual e socialmente possível de suportar. Essa população, que também dispunha de uma esperança de vida maior e de uma qualidade de vida relativamente melhor do que as gerações anteriores, tinha expectativa e necessidade de ocupar o tempo livre, ganho com a aposentadoria, em atividades novas, variadas, desafiadoras e produtivas. Segundo Pierre Vellas, “tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua

imagem perante a sociedade foram, desde o início, os objetivos do programa... É possível compensar todo o tipo de dificuldade devido à idade e obter novas possibilidades de vida e bem-estar, graças a uma ação apropriada composta de vida social, exercícios físicos, atividades culturais e medicina preventiva” (Association Internationale des Universités du Troisième Age-AIUTA, 1991; Lefèvre, 1993; Uchôa, 1997).

Com a implantação deste programa, nos anos 70, as Universidades da Terceira Idade entraram na segunda geração. Suas atividades educacionais centraram-se na concepção de participação e desenvolvimento de experiências de vida dos idosos, para prepará-los a intervir dentro dos problemas da sociedade (Lemieux, 1995).

Com o crescimento do Programa, fruto de uma significativa procura por parte dos idosos, as Universidades da Terceira Idade foram chamadas a desempenhar um outro papel: o de centro de pesquisas gerontológicas, que segundo Vellas, deve ser esta, a sua principal tarefa. Suas atividades educativas apoiavam-se nos conceitos de participação e desenvolvimento de estudos sobre o envelhecimento; as pesquisas no campo da gerontologia ganharam suporte institucional e encontraram, neste espaço privilegiado, um enorme campo de investigação, contribuindo para a elevação dos níveis de vida e saúde de seus estudantes, assim como do conjunto da pessoa idosa (Peixoto, 1997).

A terceira geração das Universidades da Terceira Idade, na França, emergiu nos anos 80, e preocupou-se em desenvolver um currículo adaptado às necessidades educacionais de um segmento populacional que estava se aposentando cada vez mais cedo. Estes indivíduos possuíam um nível educacional mais elevado, exigindo assim a possibilidade de participarem regularmente em créditos e disciplinas acadêmicas, e não serem apenas ouvintes (Lemieux, 1995).

Segundo Peixoto (1997), as Universidades da Terceira Idade começaram a elaborar uma programação baseada em três eixos: participação, autonomia e

integração. Os estudantes, de simples consumidores, passaram a produtores de conhecimento à medida que participavam das pesquisas universitárias. Segundo Vellas, é fundamental que dentre as “atividades cotidianas das Universidades da Terceira Idade (educação permanente, educação sanitária, cuidados físicos, ativação cerebral e ações de serviço à comunidade), os diversos itens do programa sejam objeto de pesquisa aplicada, a fim de determinar quais são as ações benéficas e quais os meios para obtê-las, quais seus efeitos, quais seus objetivos, com a finalidade de favorecer sua aplicação por outras Universidades e para o maior número delas” (p.47).

Os alunos das Universidades da Terceira Idade passaram, assim, a desempenhar um papel ativo nas pesquisas universitárias. Como exemplo, (Peixoto, 1997:48) cita a Universidade da Terceira Idade de Neuchâtel, na Suíça, que criou três modelos de pesquisas concebidos a partir de níveis diferenciados de participação dos alunos: “pesquisas feitas *para*, *com* e *pelos* estudantes idosos. As pesquisas *para* os idosos, são elaboradas por especialistas. São pesquisas aplicadas que têm como objetivo oferecer às pessoas idosas melhores condições de vida. As pesquisas feitas em parceria *com* os idosos têm como objetivo considerar as situações e experiências pessoais dos participantes. As pesquisas feitas *pelos* estudantes idosos são aquelas em que os alunos conquistaram um maior nível de autonomia e independência em relação aos seus professores, tornando-se capazes de produzir um trabalho com todo o rigor científico necessário”.

Em 1975 as Universidade da Terceira Idade haviam se expandido não só nas Universidades francesas, como também nas Universidades da Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá (Quebec) e Estados Unidos (Califórnia). Atualmente, estima-se que há cerca de 1.200 Universidades espalhadas pelo mundo.

A Associação Internacional de Universidades da Terceira Idade (AIUTA) foi organizada em 1975 e, em 1981, havia mais de 170 instituições associadas

(Swindel & Thompson, 1995). A AIUTA é um órgão reconhecido pela ONU, OMS, UNESCO, Conselho da Europa e outras organizações internacionais. Desde a sua criação, a AIUTA realiza anualmente uma assembléia geral, com o objetivo de promover o caráter científico da Associação, reunindo pesquisadores, estudantes e especialistas em gerontologia de todas as Universidades associadas.

O rápido crescimento das Universidades da Terceira Idade gerou dois modelos diferentes de programas, adotados por um grande número de países.

O modelo francês original, que tem suas bases a partir do sistema tradicional universitário, recebeu alterações à medida que a clientela se tornou heterogênea. O programa passou a ser oferecido também por outras instituições, atendendo a aposentados precoces, donas de casa, desempregados e pessoas que, de alguma forma, haviam sofrido desvantagens educacionais. Ocorreram mudanças nas ênfases do programa e, conseqüentemente, os nomes foram alterados para: Universidade para o Lazer, Universidade para o Tempo Livre e Universidade Inter-Idades. Os cursos oferecidos variam em conteúdo, maneira de apresentação e formato. Em geral, eles incluem aulas e cursos abertos, acesso aberto e disponível a diferentes cursos universitários, grupos de estudo, oficinas de trabalhos, excursões e programas de saúde, e os conteúdos oferecidos são principalmente das áreas de Humanas e Artes (Swindell & Thompson, 1995).

O modelo inglês nasceu em Cambridge, em 1981, fruto de uma substancial modificação do modelo francês. Para os criadores deste modelo, as pessoas que freqüentam o programa podem atuar tanto como professores quanto como alunos, com possibilidades de se engajarem em pesquisas. Baseia-se no ideal de auto-ajuda, considerando que os especialistas de todas as áreas envelhecem e se aposentam. Os alunos mais idosos não precisam pagar os professores mais jovens, para receberem educação. Sendo assim, beneficiam-se do contato com seus semelhantes e, através desta ação conjunta, colaboram com a universidade e a sociedade. Além dos próprios idosos, profissionais e não-profissionais são envolvidos no programa. São apontados como benefícios deste modelo: o baixo

custo para seus participantes, ao contrário do modelo francês que apresentava altos custos para a sua clientela; o acesso facilitado pelas atividades serem oferecidas em prefeituras, bibliotecas, centros comunitários, escolas, domicílios; horários, currículos e métodos bem flexíveis; ampla oferta e nenhuma restrição acadêmica para o ingresso (Swindell & Thompson, 1995).

O movimento internacional de Universidades da Terceira Idade expandiu-se por todo o mundo, refletindo as perspectivas francesa e inglesa e sofrendo modificações e adaptações locais, conforme as necessidades sociais em cada contexto e dependendo do perfil educacional e econômico das diferentes populações idosas, em face do envelhecimento populacional dos seus países. Quer sejam Instituições Públicas ou Privadas, de baixo ou alto custo, com diferentes propostas acadêmicas e políticas, essa instituição tem dado conta de fornecer oportunidades de compensação e enriquecimento cognitivo, integração e reconhecimento social, satisfação e envolvimento às coortes mais velhas (Neri, 1997).

4.2. Experiências de Universidades da Terceira Idade no âmbito internacional

Apesar do sucesso que esta modalidade de educação permanente para adultos maduros e idosos tem alcançado, ainda são poucas as publicações que encontramos acerca do desenvolvimento e das atividades das Universidades da Terceira Idade pelos diversos países. Segundo Swindell & Thompson (1995), apesar da grande proliferação das Universidades da Terceira Idade por todo o mundo, os intercâmbios e troca de informações entre essas instituições são precários, e fruto da iniciativa individual dos pesquisadores da área. Diante deste panorama, relataremos algumas informações recentes, por nós encontradas, sobre o Programa e o seu crescimento em diversos países. Como fonte de dados, recorreremos ao periódico *Educational Gerontology*, onde encontramos a maior parte de publicações sobre Universidades da Terceira Idade e programas

semelhantes. Dentre eles, merece destaque o artigo publicado por Swindell & Thompson (1995), escrito a partir da compilação de informações promovida pelos autores junto a grupos e entidades representativas em vários países do mundo. Também tivemos acesso a alguns folhetos informativos; neles pudemos verificar a organização e desenvolvimento de vários programas e suas atividades.

Conforme nos referimos anteriormente, desde 1981 o conceito de auto-ajuda tem norteado as atividades das Universidades da Terceira Idade na Grã-Bretanha. Em 1994 já havia um total de 240 Universidades, distribuídas pela Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, abrangendo 32.000 estudantes. Os programas são flexíveis, considerando-se as necessidades de cada grupo e geralmente são desenvolvidas atividades educacionais, físicas e recreativas. Estas atividades acontecem dentro de instituições e, quando o local se torna limitado quanto ao espaço físico e oneroso financeiramente, o grupo se reúne em seus próprios domicílios, com organizadores e professores voluntários. Uma pequena taxa anual é paga para cobrir despesas do jornal *Third Age News*, que é divulgado três vezes por ano pela *National Executive*, que organiza anualmente encontros entre as Universidades para troca de informações e planeja atividades futuras.

Na Austrália, o movimento foi introduzido em Melbourne em 1984, tendo o modelo inglês como parâmetro. Em 1994, o programa já era oferecido em 108 instituições distribuídas por todo o território, atingindo cerca de 18.000 idosos que participavam de cursos de atualização cultural, oficinas de artes e atividades sociais. Atualmente não existe nenhuma organização que coordene e centralize as Universidades da Terceira Idade, há pouco apoio por parte do governo e carência de educadores profissionais. Apesar destes fatores, os programas funcionam de maneira homogênea e bem sucedida por toda a Austrália (Swindell & Thompson, 1995).

Na Nova Zelândia a primeira Universidade da Terceira Idade foi criada sob o modelo inglês em Auckland em 1989. Desde então, o programa tem se estendido por todo o país desenvolvendo atividades educacionais e recreativas, procurando

atender as necessidades da comunidade idosa. Os alunos geralmente se reúnem nos próprios domicílios, em turmas de no máximo 20 pessoas e, mensalmente, todos os grupos participam de palestras oferecidas por várias organizações.

O modelo inglês de auto-ajuda tem crescido de maneira significativa na República Tcheca, com cerca de 45 Universidades da Terceira Idade desenvolvendo atividades para adultos maduros e idosos. Recentemente formou-se uma organização nacional, com o objetivo de promover programas integrados, trocar experiências e informações entre as universidades.

No ano de 1975, em San Diego, EUA, houve uma tentativa de se implantar uma Universidade da Terceira Idade seguindo os moldes das universidades francesas. Na época, a adesão foi pequena, pois os programas *Ederhostel* e o *Institute for Learning in Retirement* (ILR), já haviam se difundido por todo o país e possuíam muitas semelhanças dos modelos francês e inglês de Universidade da Terceira Idade. O primeiro ILR teve seu início em 1962, em Nova Iorque, mas foi na década de 80 que atingiu um grande número de pessoas aposentadas. Atualmente, existem cerca de 180 programas nos Estados Unidos e Canadá. As atividades são geralmente desenvolvidas em universidades e grande parte dos professores são voluntários. Os ILRs são independentes quanto a sua forma de organização, porém seus objetivos são comuns quanto a desenvolver cursos que sejam intelectualmente estimulantes, promover o desenvolvimento social através de encontros e passeios e dar um enfoque especial às atividades de serviço comunitário (Swindell & Thompson, 1995). No Alabama, na Universidade de Auburn, em 1987, foi criado o *Center on Aging*, com a proposta de “organizar e focalizar os variados recursos da instituição para resolver problemas e criar oportunidades para os idosos, visando uma melhor qualidade de vida a esta população”. Este Centro desenvolve uma série de atividades. Dentre elas, destacam-se: projetos de pesquisa na área de educação, tendo como objetivo expandir e melhorar os programas de educação continuada para idosos; na área de saúde, pesquisas de terapias no tratamento de distúrbios de linguagem e audição, e

experimentos com drogas para retardar úlceras decúpitais. É mantenedora da *Auburn University Academy For Lifelong Learners* (AUALL), um programa educacional para pessoas aposentadas, afiliada à Rede do Instituto Elderhostel. Através da *Alabama Gerontological Society* divulga informações na área de gerontologia (Auburn University, s.d).

Em Portugal, o movimento é novo, e o primeiro encontro nacional de Universidades da Terceira Idade ocorreu em 1993. No ano seguinte, foi criada uma associação nacional destas universidades. Os programas contam com professores de nível universitário que ensinam sociologia, teologia, história, línguas, literatura, artes e artesanato. Também são oferecidos cursos de leitura e escrita, pois o país enfrenta problemas de analfabetismo na população idosa.

Na França e na Bélgica, as Universidade da Terceira Idade estão ligadas às universidades, mantendo um alto padrão acadêmico. Os programas funcionam conforme o modelo francês, como já citamos anteriormente. Os estudantes, que são, em sua maioria, adultos maduros e idosos, participam de atividades diversas de atualização cultural, contato social e pesquisa. Os alunos também são estimulados a colocar em prática o seu aprendizado, através da sua reinserção no mercado de trabalho. A educação é vista pelos alunos como uma atividade prazerosa, tanto para aqueles que freqüentam o programa sozinhos, como para aqueles que vão acompanhados de seus cônjuges. Na Universidade de Aíns, na Bélgica, a proporção de mulheres para homens é de 60:40; 40% de todos os participantes são casais. Tanto na França como na Bélgica as Universidades da Terceira Idade estão presentes por todo o território, organizam conferências a cada dois anos e publicam um jornal informativo anual (Swindell & Thompson, 1995).

As Universidades da Terceira Idade, na Suíça, desenvolvem seus programas, conforme o modelo francês. Em todos os Cantões (Estados) os idosos participam das atividades oferecidas pelas universidades locais, que priorizam em seus currículos as necessidades dos alunos mais idosos.

Na Alemanha, as Universidades da Terceira Idade seguem o modelo francês, estando ligadas às universidades. Uma das principais preocupações dos educadores está em desenvolver programas e métodos de ensino especiais, adaptados às necessidades dos idosos.

As Universidades da Terceira Idade da Polônia pertencem à uma associação nacional integrada à Faculdade de Medicina de Varsóvia. Estas universidades desenvolvem suas atividades conforme o modelo francês, particularmente no campo de preparação para aposentadoria.

Na Espanha, o principal objetivo das Universidades da Terceira Idade é promover atividades educacionais e sociais para as comunidades carentes. Algumas universidades oferecem programas conforme o modelo francês (Swindell & Thompson, 1995).

As Universidades da Terceira Idade, na Itália, oferecem cursos geralmente de natureza acadêmica, apesar de nem todos os programas estarem ligados à universidades. A Universidade Popular da Terceira Idade de Roma, apresenta em seu programa dois objetivos fundamentais: atualização cultural, visando principalmente a prevenção de doenças; instrumentalização do idoso, para que enfrente a realidade de modo mais adequado; desenvolvimento de visão crítica da velhice, para que o aluno permaneça com uma vida produtiva, atingindo bem-estar biopsicossocial; desenvolvimento de ações, serviços e pesquisa que incluam relações de ajuda mútua e organização de atividades de interesse popular, com a finalidade de atingir as camadas culturalmente mais carentes. Neste programa, não são incluídos exames avaliativos e há uma ênfase especial na formação de agentes gerontológicos, ou seja, os alunos têm oportunidade de atuar, como voluntários, na comunidade, colocando em prática os conhecimentos adquiridos durante o curso (Florenzano, 1991). O programa da Universidade da Terceira Idade de Lerici, também apresenta dois objetivos gerais: contribuir para a promoção cultural e social dos estudantes, mediante a realização de cursos e laboratórios sobre temas específicos, e realização de outras atividades, promovendo e executando iniciativas

concretas; promover, apoiar e realizar cursos, pesquisas e outras iniciativas culturais para o desenvolvimento da formação permanente e recorrente, pelo confronto com culturas geracionais diversas, a fim de se obter uma verdadeira academia humanística. Dentre as disciplinas oferecidas destacam-se: língua inglesa, filosofia, história da arte, literatura italiana, biologia, música, teatro, história do território e geriatria, compreendendo problemas característicos da velhice, há também conferências e visitas a monumentos e museus (Mendes Filho, 1994).

A maior parte das Universidades da Terceira Idade, na Holanda, estão localizadas nas universidades, seguindo o modelo francês, enquanto que em número menor, como em Roosendaal, o modelo inglês de auto-ajuda promove suas atividades em escolas, universidades e locais de serviço à comunidade. Em ambos os modelos existe um rigoroso padrão acadêmico e, ao término do programa, os idosos recebem seus diplomas.

Desde o fim da Revolução Cultural, os governantes chineses consideram a educação a melhor forma para ajudar os mais de 100 milhões de idosos chineses a se adaptarem às mudanças sociais. Dentre os programas educacionais, destaca-se uma rede de 400 Universidades para Idosos, que promovem atividades acadêmicas para 470.000 estudantes na faixa etária acima de 50 anos. Não existem pré requisitos para o ingresso; o currículo é adaptado conforme as necessidades do grupo, considerando-se que o envelhecimento da população difere largamente em termos de experiência educacional, saúde e renda financeira. Em algumas cidades, as Universidades para Idosos são muito prestigiadas, atraindo professores com alto nível de formação acadêmica. Os estudantes são submetidos a exames e, ao término do programa, recebem um diploma. O programa Universidade da Terceira Idade foi criado para atender à população de chineses aposentados. As atividades são desenvolvidas em centros recreacionais, que oferecem programas de saúde, jantares comunitários, jogos e várias modalidades esportivas. Nos pequenos povoados, as Universidades da Terceira Idade são localizadas em escolas e

oferecem cursos de alfabetização aos idosos com pouca ou nenhuma habilidade literária. Em 1993, aproximadamente 5.300 escolas, Universidades e Universidades da Terceira Idade estavam envolvidas em atividades educacionais para os idosos chineses. Os estudantes pertencem a diversas camadas sociais, são, geralmente, trabalhadores e camponeses aposentados que recebem e trocam informações nas áreas de: gerontologia, psicologia, saúde, higiene, política, ciências naturais, ciências sociais, poesia, inglês, teatro, caligrafia chinesa, pintura, fotografia, dança, arte culinária, jardinagem e esportes. Alguns grupos têm oferecido intercâmbio cultural com cursos e estadia nos domicílios dos próprios alunos (Swindell & Thompson, 1995).

Desde a metade dos anos 60, o Japão tem oferecido oportunidades de educação continuada para a população idosa. No momento, os programas estão ligados à universidades, como em Osaka, Tóquio, Kobe e Kyoto, onde os idosos aprendem sobre problemas relacionados à sua coorte etária, política e economia, filosofia da religião, constituição e direitos humanos, história, arte e artesanato. Os estudantes são matriculados num curso de cultura geral e escolhem as disciplinas que desejarem. A média de curso de vida da população tem crescido rapidamente e o número de pessoas jovens tem diminuído. Esses traços demográficos são estimulantes para as universidades se interessarem em educação para adultos maduros e idosos. Desde 1989, algumas universidades treinam alunos que possuem algum talento especializado, para atuarem como líderes na comunidade, estimulando uma troca de informações intergeracional (Swindell & Thompson, 1995).

O Canadá apresenta uma grande variedade de programas educacionais destinados a adultos maduros e idosos. Além de vários IRLs que desenvolvem suas atividades por todo o país, as Universidades da Terceira Idade estão presentes em várias instituições, trabalhando tanto com o modelo francês como com o modelo inglês. Na *Academie de Gérontologie de L'Outaouais* em Hull, Quebec, não existe a obrigatoriedade de se cumprir um currículo que contenha apenas

atividades especiais para a terceira idade; os estudantes tem acesso à biblioteca, participam de conferências e programas livres de leitura (Swindell & Thompson, 1995). Em Montreal, o *L'Institut Universitaire du Troisième Age*, fundado em 1983, atende a uma clientela de pessoas acima de 50 anos e que tenham conhecimentos suficientes das duas línguas oficiais (inglês e francês). O programa tem como objetivo geral a atualização de conhecimentos, possibilitando ao aluno um melhor gerenciamento de sua vida pessoal e social. Como objetivos específicos estão: capacitar o aluno de terceira idade para explorar e integrar sua experiência de vida, e contribuir para o enriquecimento do meio universitário; atualizar conhecimentos e aprimorar habilidades intelectuais, para que possa beneficiar-se de suas experiências pessoais de vida; adaptar-se melhor e participar da transformação de seu meio. Os alunos recebem um certificado após o cumprimento de 30 créditos e, com 90 créditos cumpridos, é fornecido um certificado de Bacharel em Artes. As disciplinas obrigatórias, que integram o programa, são: Educação e Terceira Idade, Desenvolvimento e Aprendizagem na Terceira Idade, Psicologia do Envelhecimento, Técnicas de Criatividade, Comunicação e Auto-expressão, Auxílio nas Relações Interpessoais, Legislação e Terceira Idade, Arte e Vida, Psicologia do Lazer, e A Importância da Educação (Lemieux, 1995).

A Áustria desenvolve um programa de Universidade da Terceira Idade diferente dos modelos francês e inglês. O principal objetivo é preparar e qualificar o idoso a freqüentar regularmente disciplinas do curso universitário. Os estudantes participam da associação dos idosos universitários, onde debatem sobre os direitos dos idosos na universidade. Seus representantes comparecem às reuniões do conselho universitário (Swindell & Thompson, 1995).

É longa a tradição de educação para adultos maduros e idosos nos países da Escandinávia. Na Dinamarca, desde 1971, encontramos instituições educacionais promovendo cursos para essa população, com o propósito de fortalecer a auto-estima dos idosos, valorizar a espiritualidade e os sentimentos fraternais, e evitar

que os alunos sejam avaliados unicamente por meio de critérios de produtividade (Sondergaard, 1992). Atualmente existem programas especializados e exclusivos para os idosos, semelhantes à Universidade da Terceira Idade. A Noruega desenvolve programas educacionais de nível superior para adultos maduros e idosos, que resultam na sua inserção ou reinserção no mercado de trabalho, levando à ocorrer mudanças na estrutura econômica do país. Eles são reaproveitados, principalmente, pelas empresas de manufatura, que não mais funcionavam por falta de artesãos, uma vez que os sujeitos que detinham esse conhecimento pertenciam às camadas mais velhas da população (Gooderham, 1991). Na Suécia e na Finlândia, as Universidades da Terceira Idade, em sua maioria, desenvolvem suas atividades nas universidades, conforme o modelo francês; especialmente na Suécia, os programas são dirigidos por voluntários.

Na República da Irlanda, os programas para idosos são organizados por um movimento nacional denominado *Federation of Active Retirement Associations* (FARA). Esta organização é semelhante ao modelo inglês de Universidade da Terceira Idade. Os membros da FARA participam semanalmente de atividades educacionais, culturais e físicas, tendo como objetivo criar um espírito de independência e dignidade em seus alunos que, em sua maioria, são aposentados. Atualmente existem 76 associações, que somam cerca de 7.500 alunos; a maior parte se concentra em Dublin e as restantes nas províncias. A FARA também desenvolve um projeto intergeracional denominado *Agelink*, que promove atividades entre escolas para crianças e os idosos membros da FARA (Swindell & Thompson, 1995).

A Universidade Aberta do Uruguai - UNI-3 foi criada em 22 de abril de 1983 no Instituto de Estudos Superiores de Montevideo. Esta iniciativa é fruto da participação de alguns professores uruguaios na Assembléia Mundial sobre Envelhecimento promovida pelas Nações Unidas, que ocorreu em 1982, na cidade de Viena. Este Programa é pioneiro na América Latina; é integrante da AIUTA, e seus organizadores participaram, ativamente, dos Congressos promovidos por esta

instituição nas cidades de Toulouse, Hull, Barcelona e Finlândia. O Programa da UNI-3 se caracteriza por uma modalidade de ensino não formal, intergeracional e fundamentado na educação permanente. Sua finalidade essencial consiste em reivindicar o direito de todo adulto a ser, participar, contribuir como protagonista do desenvolvimento da comunidade, dar e receber, tomar decisões, cultivar novas amizades, fazer mais plena, digna e harmoniosa a vida. A UNI-3 cresce e amplia as suas realizações; sua ação se estendeu por toda a República Oriental do Uruguai, projetou-se na América do Sul, incluindo o Brasil; logo a seguir, o Paraguai, mais tarde a Bolívia e a Argentina. Os objetivos gerais do programa são: recuperar o valor social, cultural, moral e econômico do adulto maduro e do idoso; atualizar o adulto, provendo sua auto-estima e permitindo que tenha uma vida mais útil e plena; alcançar saúde física e psíquica, e bem-estar social por meio da educação; capacitar o adulto maduro e o idoso ao retorno no mercado de trabalho; ajudar o aluno a acompanhar o avanço tecnológico e as mudanças que estão ocorrendo no mundo. A investigação dos processos de aprendizagem por meio da educação permanente, nos ateliês de História da cultura, Filosofia, Psicologia, Comunicação, Grupos de encontros, Poesia, Teatro, Expressão corporal, Canto, Inglês, Francês, Ciência, Saúde e Arte, fazem parte dos objetivos específicos do programa. Na UNI-3 há alunos de todas as faixas etárias, embora a grande maioria seja composta de adultos maduros e idosos. Eles se reúnem com o propósito de iniciar a caminhada de integração num mundo de rápidas mudanças, através da assistência do Animador Sociocultural (curso oferecido pela UNESCO aos professores das UNI-3), que tem o papel de estimular e compartilhar a busca do participante. Através dessa busca do conhecimento, os alunos procuram o encontro consigo mesmo e a recuperação de sua imagem. Encontram, assim, oportunidade para liberar-se de suas inibições, medos, inseguranças e, para dar lugar a sua autenticidade (Bayley, 1994).

Na Argentina, a primeira Universidade da Terceira Idade foi provavelmente criada na década de 80, na Universidade Nacional de Entre Rios, com a finalidade

de atender uma clientela de adultos maduros e idosos. Baseado no modelo francês, o programa procura seguir as diretrizes do ensino universitário, investindo em pesquisas e serviços à comunidade idosa. Os objetivos fundamentais do programa são: transmitir novos conhecimentos, principalmente aos alunos que não tiveram acesso à educação na juventude, desenvolver novas relações sociais, e dar um propósito à vida. Além da Universidade Nacional de Entre Rios, outras universidades da Argentina oferecem programas semelhantes. As Universidades da Terceira Idade da Argentina, têm muitas contribuições a dar sobre os meios de como melhorar a qualidade de vida na terceira idade (Bayley, 1994; Swindell & Thompson, 1995).

A Universidade da Terceira Idade é um movimento de grande sucesso em diversos países, uma vez que vem criando oportunidades de desafio intelectual e promovendo bem-estar de adultos maduros e idosos, que estão em busca de um envelhecimento bem-sucedido. Acredita-se, de forma generalizada, que os programas devem servir como um espaço educacional, cultural e político, onde os alunos possam vir a usufruir de uma vida mais saudável, participativa e produtiva na sociedade em que estão inseridos. A opinião de Alves (1997:33) exemplifica esses pontos de vista: “o aluno idoso/universitário é educando entusiasta, capaz e autônomo; ele busca entender o mundo e a vida como processo permanente de aprendizagem, onde o novo é sempre possível, pois acredita e tem esperança de que ainda existam caminhos a serem percorridos”. Outra justificativa comumente apontada para a criação dessas instituições é a necessidade de proporcionar oportunidades de educação permanente e integral à terceira idade, porque esse é um direito do cidadão que envelhece. A Universidade da Terceira Idade propicia a seus alunos, um processo educativo contínuo, ao longo do curso de vida. Para Furter (in Giubileo,1993:73), a educação “é um processo ininterrupto de aprofundamento, tanto da experiência pessoal como da vida coletiva, que se traduz pela dimensão educativa de cada ato, cada gesto, cada função assumida, qualquer

que seja a situação em que nos encontremos, qualquer que seja a etapa da existência que estejamos vivendo”.

4.3. Experiências brasileiras com Universidades da Terceira Idade

No Brasil, até 1970, a educação sistematizada para adultos restringia-se aos programas de alfabetização, originários de movimentos populares, como as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica e sindicatos de trabalhadores. Nesta mesma época, o governo militar, que era contrário a esses movimentos, criou o Movimento Nacional de Alfabetização - MOBRAL, que não atingiu resultados significativos e conseqüentemente não se manteve (Werebe, 1994).

A possibilidade de cursos especialmente voltados à educação de adultos, só surgiu a partir de 1971, com a implementação legal do Ensino Supletivo (Giubileu, 1993). Apesar do ensino supletivo, em sua origem, ter tido o objetivo de ensinar à população adulta, o programa acabou atingindo também os jovens e idosos, que ansiavam por uma oportunidade de concluírem o ensino formal.

Com o gradativo aumento que já se verificava da população idosa, alguns programas educacionais voltados principalmente ao lazer começaram a surgir, com o objetivo de atender as necessidades desta população, levando-se em conta suas características.

A primeira experiência brasileira de educação para os adultos maduros e idosos foi implementada pelo Serviço Social do Comércio - SESC. Os Grupos de Convivência surgiram na década de 60, com a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade, que era usada para crianças, jovens e adultos. Sua programação foi criada a partir dos programas de lazer, destinados ao preenchimento do tempo livre. Compreendem genericamente: desenvolvimento físico-esportivo, recreação, turismo social, biblioteca, apresentações artísticas, desenvolvimento cultural, cursos supletivos, cursos livres, assistência odontológica, refeições e lanches comunitários, medicina preventiva, educação

para a saúde, ação comunitária, trabalhos em grupo e assistência social. No início da década de 70, influenciadas pelos programas franceses, foram criadas as Escolas Abertas para a Terceira Idade, que exigiam um público com melhor qualificação educacional, tendo a finalidade de oferecer aos idosos informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento; programas de preparação para aposentadoria e atualização cultural. Além desses módulos informativos, as escolas oferecem atividades físicas como ginástica, yoga ou natação, atividades manuais e artísticas como grupos corais e cursos de artes plásticas. Desenvolvem ainda, passeios e festas de confraternização (Magalhães, 1992 ; Salgado, 1992). A orientação para o lazer predomina na instituição até hoje e é seguida por vários clubes de convivência, associações de idosos, clubes da maioria e outras instituições que se desenvolveram fora das Universidades, e foram inspiradas pela experiência e a ideologia do SESC (Neri, 1997).

Segundo Salgado (1982), o programa de Escola Aberta se constitui numa proposta de educação permanente adequada à Terceira Idade, contribuindo efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e abrindo possibilidades para a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir, até mesmo para a solução de alguns problemas, no seu grupo familiar e nas comunidades das quais faz parte.

Semelhantes ao Sesc, outros programas surgiram, inclusive por iniciativas governamentais, mas grande parte não foi levada adiante. Como exemplo, Prata (1990 in Debert, 1997) menciona o programa da Legião Brasileira de Assistência - LBA, extinta em 1995. Esta instituição atendia a uma população de idosos da classe popular, desenvolvendo atividades como trabalhos manuais, passeios, excursões, bailes, ginástica e conferências. Em 1988 a LBA, contava com 31 unidades em São Paulo que mobilizavam cerca de 7.055 pessoas. Ainda de acordo com Prata, em seu estudo sobre os programas de atendimento à população idosa do Estado de São Paulo, os programas de atenção à terceira idade podem ser divididos em três grupos: programas tradicionais, como as instituições asilares; programas de

transição, que compreendem os grupos do SESC e da LBA, que a autora os classifica como assistencialistas, por “não oferecerem, aos idosos os instrumentos necessários para que possam recuperar a autonomia desejada”; os programas inovadores, que incluem serviços de hospitais universitários, programas de preparação para a aposentadoria e universidades da terceira idade. Estes últimos contam com equipes multidisciplinares empenhadas em levar “o idoso a um processo de redirecionamento de sua vida, a partir da consciência das perdas e ganhos do ingresso na terceira idade e na aposentadoria”(Debert, 1997:97).

A partir da década de 80, podemos verificar que as Universidades começaram a abrir um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados no estudo das questões do envelhecimento. Entre os adultos maduros e idosos predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer, frente aos quais, acredita-se que esta população vem encontrando possibilidades de combinar desenvolvimento da sociabilidade e educação permanente.

Em 1982, na Universidade Federal de Santa Catarina, foi criado o Núcleo de Estudos de Terceira Idade - NETI, considerado o primeiro programa de atendimento ao idoso e formação de recursos humanos na área gerontológica, realizados em uma Universidade. Seus objetivos são os seguintes: realizar estudos e divulgar conhecimentos técnico-científicos na área gerontológica; formar recursos humanos em todos os níveis e promover o cidadão idoso. Atualmente, o NETI tem seu trabalho reconhecido pela população em geral que o procura na busca de orientação, consultoria e assessoria. O programa oferece à população idosa um *Grupo de Convivência*, onde são discutidas questões da atualidade com o propósito de conscientizar o participante de seu valor como pessoa na sua própria vida, no grupo, na família e na comunidade. O idoso redescobre interesses novos, sente-se estimulado a participar em todas as etapas de sua vida e, com essa postura, tem mais chance de solucionar seus problemas pessoais. Estes grupos são orientados por estagiários de diversos cursos da Universidade, como Serviço

Social, Psicologia e Educação Física. Esta experiência é objeto de estudo de trabalhos de conclusão de curso desses estagiários. Tal procedimento metodológico propiciou ao NETI discutir a questão da velhice, não apenas com o idoso, mas também com faixas etárias mais jovens. Este enfoque pretende estar presente em todos os projetos do NETI. As *Atividades Físicas e Recreativas* englobam técnicas básicas de postura, respiração e mudanças de posição. Também foi criado o Grupo de Dança Folclórica da UFSC, com o objetivo de preservar e divulgar as danças folclóricas da região. Estas atividades envolvem professores do Departamento de Recreação e Prática Desportiva, do Centro de Desportos, que atuam voluntariamente neste programa. As atividades desenvolvidas com a Terceira Idade servem de estágio curricular para os alunos do curso de Educação Física da UFSC e de outras entidades escolares interessadas no trabalho. Em 1989, professores do Centro de Desportos, voluntários do NETI, iniciaram uma pesquisa sobre atividades físicas e recreativas em indivíduos da terceira idade. Um *Grupo Interdisciplinar de Gerontologia (GIG)*, que desenvolve suas atividades no Hospital Universitário, tem como objetivo desenvolver uma ação multiprofissional e interdisciplinar para adultos maduros e idosos com mais de 50 anos que se encontram enfermos. A equipe é composta por profissionais das áreas de medicina, enfermagem, nutrição, serviço social, psicologia e educação física. O *GIG* presta atendimento biopsicossocial, em nível ambulatorial, visando a manutenção da autonomia e a melhoria da qualidade de vida, através de profilaxia de agravamentos da saúde e conseqüente re-hospitalização; propicia, em função de suas atividades, um campo de estágio para o ensino de enfoque interdisciplinar aos universitários de diferentes áreas. O *Serviço de Psicoterapia para a Terceira Idade (SPTI)* presta atendimento psicoterápico a pessoas com mais de 50 anos, prioritariamente aquelas que já participam de alguma atividade do NETI. No *SPTI*, uma equipe de psicólogos fazem atendimentos individuais, grupais e familiares. Estes profissionais desenvolvem atividades voluntárias e reúnem-se para estudos de aprofundamento teórico. Um *Grupo de Crescimento Pessoal* coordenado por

psicólogas, que levanta as expectativas de cada membro do grupo, e em cima de suas necessidades, elabora um programa que é desenvolvido através de vivências e estudos teóricos dos temas escolhidos. O *Grupo de Formação de Monitores de Ação Gerontológica* tem como objetivos: preparar pessoas da comunidade com 50 anos ou mais que possam engajar-se num trabalho comunitário na área gerontológica; capacitar os alunos a planejar e executar programas para a Terceira Idade; possibilitar maior desenvolvimento a pessoas conscientizadas de sua importância como agentes de transformação social, a fim de que cada um desenvolva o seu próprio modelo de trabalho. Com a realização dos objetivos, os idosos poderão modificar sua realidade, alterando sua própria história e de sua comunidade. Outros trabalhos desenvolvidos pelo NETI, que merecem ser citados, são: os cursos, seminários e treinamentos destinados à técnicos e voluntários da área gerontológica; cursos de Preparação para Aposentadoria; curso de Especialização em Gerontologia; consultoria a empresas e entidades; e participação no Conselho Estadual do Idoso (Guedes & Vahl, 1992).

A Universidade Estadual do Ceará - UECE, sensibilizada com as necessidades da população idosa do Nordeste, que se encontra na faixa de 30%, criou a Universidade Sem Fronteiras, em 1988. Seus objetivos são: oferecer às pessoas livres de obrigações profissionais (aposentados) uma formação contínua, mantendo assim o interesse em melhorar os conhecimentos e em conquistar novas experiências; proporcionar às pessoas de qualquer nível cultural ou social, que estejam em processo de envelhecimento, a oportunidade de viverem integradas no mundo e com o mundo, visualizando a maturidade e a aposentadoria como etapas de vida plena de crescimento pessoal e social; possibilitar a convivência permanente de diferentes gerações, visando a integração concreta de jovens e idosos na construção do processo de humanização da nossa realidade. As principais atividades didáticas ocorrem no Centro de Humanidades da UECE, em Fortaleza, onde são oferecidos 40 cursos. As atividades da Universidade estão centradas nas áreas de Prevenção, Formação e Pesquisa, além de trabalhos de

cooperação internacional, onde recebe apoio da Universidade Lumière-Lyon 2, na França. Na área de prevenção, são desenvolvidos trabalhos com grupos de serviço e cursos de preparação para a aposentadoria. Na área de formação, é oferecido curso de Especialização em Gerontologia Social e, na área de pesquisa, dois projetos estão sendo desenvolvidos. O primeiro diz respeito à condição de vida do idoso na cidade de Fortaleza; o segundo questiona a crise da meia-idade (Universidade Estadual do Ceará, s.d.).

No final da década de 80 - na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ - foi criado um grupo interdisciplinar de profissionais interessados nas questões da terceira idade, o Núcleo de Assistência ao Idoso - NAI, que em maio de 1992 deu origem à Universidade Aberta a Terceira Idade - UnATI. Este programa se divide em três áreas: *ensino, extensão e pesquisa*. Um de seus objetivos principais é contribuir para a melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas de mais de 60 anos, bem como desenvolver pesquisas no campo gerontológico. O programa UnATI está apoiado em atividades voltadas para a assistência médica e jurídica, ensino e formação de recursos humanos, e para a pesquisa. A área de *ensino* é composta por duas sub áreas: a) educação permanente e formação; b) desenvolvimento de recursos humanos em geriatria e gerontologia. Através dessas ações são oferecidos cursos e/ou atividades abertas que possibilitam ao idoso maior acesso ao conhecimento dos vários campos do saber, além de facilitar sua interação social com as gerações mais jovens. A capacitação de recursos humanos ocorre através do treinamento da equipe interna da UnATI, e de outros profissionais envolvidos em programas de atendimento ao idoso. São oferecidos seminários de formação gerontológica e encontros pedagógicos. A área de *extensão*, além do atendimento ambulatorial, conta com atendimento jurídico, nutricional e do serviço social. A UnATI oferece aos alunos de graduação da UERJ, interessados nas questões relativas à velhice, noções de gerontologia através de um curso introdutório, e um outro curso mais específico ministrado pela equipe do NAI a todas as pessoas envolvidas com as questões da

velhice e que desejam aprofundar seus conhecimentos acerca dessa coorte etária. A *pesquisa* é desenvolvida através de projetos que buscam investigar aspectos variados da clientela. Este trabalho vem sendo desenvolvido por seu corpo docente; parte dessas pesquisas estão presentes em publicação recente de dois livros. Podemos perceber que a UnATI apresenta um programa composto, onde assistência médica e sociabilidade são fundamentais, mas que também permite o acesso à cultura universitária. Pelo fato de ser uma universidade aberta, possibilita o acesso de qualquer pessoa acima de 60 anos, independentemente de seu nível de escolaridade. Os alunos podem se matricular em três atividades por semestre e participar de todos os eventos promovidos pelo programa. Cerca de 2.000 adultos maduros e idosos já procuraram os cursos da UnATI e outros 800 buscaram atendimento no NAI. Mais de 80% dos participantes do programa são mulheres, em sua maioria com menos de 65 anos. Incluindo-se homens e mulheres, metade da clientela possui o segundo grau completo ou curso superior, demonstrando assim um padrão sócio-econômico acima da média. (Veras & Camargo Jr., 1995; Peixoto, 1997).

O Programa da Universidade da Terceira Idade, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, foi criado pela Faculdade de Serviço Social em 1990. Este programa é definido como “um curso de extensão universitária e de atualização cultural ... uma atividade de natureza acadêmica e sócio-política voltada para um segmento específico da população local e regional: pessoas de meia-idade e da terceira idade”. Seus objetivos são: prover através da universidade, educação permanente a adultos e idosos, com o intuito de possibilitar sua participação em atividades educativas, sócio-culturais, organizativas e de ação comunitária; estimular a reinserção social dos idosos, especialmente dos aposentados e donas de casa, de modo a valorizar sua contribuição efetiva na comunidade local; consolidar os objetivos da PUCCAMP, realizando um trabalho interdisciplinar, interdepartamental, voltado à comunidade. O currículo está organizado em três níveis, cada qual com duração de um semestre. Um certificado é fornecido ao

aluno, bastando que ele freqüente 60% das aulas e das atividades presentes em cada nível. Estes níveis são assim distribuídos: *Nível I*, voltado para a atualização cultural, reorganização da identidade pessoal, sensibilização social e elaboração de um novo projeto de vida; *Nível II*, que enfatiza a formação de grupos de estudo, a preparação de monitores, engajamento em novos programas comunitários, inserção nos cursos e atividades gerais da universidade; *Nível III*, que privilegia as atividades intergeracionais através de cursos de extensão universitária para jovens, adultos e idosos; atividades de extensão à comunidade, através da prestação de serviços em que atuam estudantes dos vários cursos de graduação, professores e alunos da Universidade da Terceira Idade. Seu corpo docente é composto por cerca de 70 professores oriundos dos departamentos dos cursos de graduação e de professores convidados de outras instituições (Sá, 1991; 1996).

O programa da PUCCAMP tem sido procurado por pesquisadores de várias áreas, interessados nas questões que envolvem aspectos psicológicos, sociológicos, educacionais desta clientela. Também é o modelo que mais se aproxima à proposta francesa de Universidade da Terceira Idade. A criação deste programa representa um marco importante na evolução da gerontologia educacional no Brasil, uma vez que serviu de modelo para a criação de muitas outras. Estas Universidades estão presentes nos Estados de São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Paraná, Ceará, Pernambuco, Goiás, Maranhão, Bahia, Rio Grande do Sul e Distrito Federal (Sá, 1995). Atualmente o Brasil conta com cerca de 100 programas assemelhados.

O Estado de São Paulo criou, em 1994, a Associação das Universidades e Faculdades Abertas para a Terceira Idade - AUFATI, que contou com o apoio do Conselho Estadual do Idoso. Esta Associação tem o objetivo de trocar experiências e buscar novos caminhos na área da gerontologia educacional (Camargo, 1995).

As Universidades da Terceira Idade brasileiras já realizaram três encontros anuais de professores, administradores, alunos e ex-alunos, quando discutiram os rumos da iniciativa e tentaram fundar uma Associação Nacional (Neri, 1997).

É, portanto, recente na experiência brasileira, a admissão de adultos maduros e idosos na Universidade, para experiências educacionais desvinculadas das vocações classicamente assumidas por essas instituições: ensino, formação profissional no âmbito do terceiro grau, pesquisa e extensão. As Universidades da Terceira Idade exemplificam o exercício de outra importante missão da Universidade, que é a prestação de serviços à comunidade à qual está integrada (Neri,1997).

A seguir, citaremos exemplos de programas dessa natureza, pois acreditamos que essas informações são importantes para o nosso estudo; o programa e os sujeitos que pesquisamos possuem características semelhantes aos que aqui serão mencionados.

Parte das informações, neste momento relatadas, foram encontradas em folhetos e manuais informativos, distribuídos por algumas Universidades. Foram raras as publicações e artigos científicos onde pudemos encontrar dados sobre as atividades desenvolvidas, características da população atendida, razão pela qual procuraram o programa e o impacto destes programas na clientela atendida.

Apesar de não haver dados estatísticos organizados sobre as características do alunado em questão, podemos perceber que existem alguns dados que são comuns a esta população.

Os adultos maduros e idosos, alunos das Universidades da Terceira Idade, possuem idade superior a 45 anos, com predominância quase absoluta do público feminino. Esta clientela possui desde o primeiro grau incompleto até o terceiro grau. Quanto à ocupação atual, parece ser significativo o número de mulheres donas-de-casa e de homens aposentados. São adultos maduros e idosos, dispostos a dividir e compartilhar suas experiências de vida, e colocarem em prática os novos conhecimentos adquiridos nas atividades desenvolvidas.

Duas características que merecem destaque nesta população são: a grande procura do público feminino e idade relativamente prematura. Segundo (Debert, 1997), a participação masculina nos programas raramente ultrapassa os 20%. Os

homens parecem ter maior entusiasmo pelos movimentos políticos, como dos aposentados. Este fato pode ser notado na grande concentração masculina que houve no final de 1991 e início de 1992, pela luta para reposição das aposentadorias e pensões, conhecida por todo o país como a “luta pelos 147%”. Debert, salienta que as diferenças nas formas como homens e mulheres representam o que é a velhice, e percebem as mudanças ocorridas no envelhecimento, se manifestam através do seu envolvimento nos movimentos de sua coorte etária. O público masculino está mais envolvido na luta pelos direitos do cidadão e pela redistribuição da riqueza, e o público feminino na luta por mudanças sociais. A idade prematura de grande parte das alunas dos programas, demonstra uma disponibilidade dessa coorte etária em virtude do seu momento do ciclo de vida. É uma geração que, nos anos 60 e 70, assistiu à revolução sexual e ao movimento feminista. Estes movimentos, sem dúvida, tiveram forte impacto na valorização de uma nova faceta da identidade feminina, a da mulher de meia-idade, que era profissional, com idéias novas sobre limitação da natalidade, liberdade e direitos femininos no trabalho, direito à decisão na área da sexualidade, entre outros temas que viriam a reformar a face das relações entre os gêneros no trabalho e na vida social em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Hoje estas mulheres que, na juventude, não tiveram acesso à Universidade, estão livres das responsabilidades dos papéis maternos e, com disponibilidade de tempo, e ainda estimuladas pelos meios de comunicação de massa com mensagens sobre a atividade como forma de se manter jovem, procuram no programa Universidade da Terceira Idade um veículo de retardar o envelhecimento e realizar sonhos de ascensão social de posse de conhecimentos, assegurada pela Universidade (Neri,1996). Algumas Universidades da Terceira Idade, que projetaram programas para pessoas mais idosas, acabaram sendo pressionados por uma clientela mais jovem, entre 40 e 50 anos, e ampliaram a faixa etária para participação.

Segundo Alves (1997), os programas de Universidades da Terceira Idade, procuram corresponder às necessidades características do alunado e, ao mesmo

tempo, buscam alicerçar seus objetivos numa visão inovadora de currículo. Ainda segundo a autora, a maioria dos programas universitários para idosos apresentam-se sob forma de “micro-universidades temáticas”, ou seja, o currículo é organizado a partir de disciplinas-eixo, com a finalidade de trabalhar os temas de forma integrada, dando atenção à questão da interdisciplinariedade. Existe grande diversidade nessas propostas de estruturação, uma vez que cada instituição toma decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação na velhice.

A Universidade de Passo Fundo - RS, em 1991, criou o Centro Regional de Estudos e Atividades para Terceira Idade - CREATI. Esse centro é um espaço aberto à população idosa, onde se debatem e estudam questões que envolvem a velhice, através de um processo de educação permanente, muito embora os cuidadores falem em educação continuada. Tem caráter interdisciplinar, coerente com os objetivos da política de extensão universitária. Objetiva, com isso, modificar a visão marginal e estigmatizante da velhice no país, reconstituindo e resgatando a identidade e a concepção da cidadania do idoso, o que deverá possibilitar-lhe assumir - como sujeito - o seu processo de ressocialização. Visa, também, realizar pesquisas e atividades de caráter multidisciplinar. As ações propostas pelo CREATI se desenvolvem através de cursos, que englobam temas como saúde, lazer, inserção social e aposentadoria, e oficinas de educação física, artes e letras, além de oferecer programas que preparam recursos humanos na área de gerontologia (Universidade de Passo Fundo, s.d.).

Com o grande crescimento e amadurecimento do programa, o CREATI vive atualmente em fase de reavaliação e ampliação de sua proposta de trabalho. Em 1997, o programa ultrapassou as fronteiras e avançou, engajando-se às UNI-3 da América Latina, em sua proposta de educação permanente não formal de adultos. Para isso, convidou as Universidades Abertas da América Latina para discutir e refletir, a temática - “Educação Permanente: um grande desafio para o século XXI”

no V Encontro Latino-Americano de Universidades Abertas UNI-3, realizado na cidade de Passo Fundo - RS. Além de algumas Universidades da Terceira Idade brasileiras, seis países da América Latina - Argentina, Bolívia, México, Panamá, Uruguai e Venezuela participaram deste encontro. O evento reuniu coordenadores, professores e alunos de cada Universidade (Integração das Universidades Abertas-UNI-3 da América Latina: V Encontro Latino Americano de UNI-3,1997).

O CREATI tem buscado, na experiência pioneira da Universidade Aberta do Uruguai, instrumentos didáticos para as suas atividades, como o Curso de Animadores Sócio-culturais oferecido a professores e alunos. Este curso procura, através da educação permanente, desenvolver o aprendizado de maneira criativa e autêntica (Curso de Animadores no Uruguai, 1997).

Desde 1991 a Universidade de Caxias do Sul - RS vem desenvolvendo atividades de ensino, extensão e pesquisa para adultos maduros e idosos, através do programa Universidade da Terceira Idade. Este programa é dirigido para pessoas com ou sem prévia formação universitária. Para os alunos portadores de diploma superior, são oferecidas disciplinas nos cursos de graduação em diversas áreas do conhecimento, que serão registradas no Histórico Escolar, podendo também freqüentar cursos de atualização cultural, com os alunos que não possuem o terceiro grau. O programa oferece, ainda, curso de Especialização em Gerontologia e pesquisas na área de Metodologia de Aprendizagem de Inglês na Terceira Idade e Estudo Multidimensional das Condições de Vida do Idoso (Universidade de Caxias do Sul, 1995).

Lançada oficialmente em junho de 1991, a Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos - SP iniciou suas atividades em agosto do mesmo ano, organizando seus cursos da seguinte maneira: Curso de Extensão e Atualização Cultural – CEAC, que compreende três níveis de cursos destinados a pessoas acima de 45 anos, divididos em três semestres letivos sequenciais. Os cursos visam integração grupal e socialização através de temas ligados à atualização cultural, nas

áreas de ciências humanas, biológicas, sociais e tecnológicas; atividades físicas, esportivas e artísticas. Para os alunos que concluíram os três níveis do Curso de Extensão e Atualização Cultural, foi criado o Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade – CEATI, com o objetivo de sensibilizar os alunos para o estudo e investigação das questões sociais da comunidade, e motivá-los para a ação social como agentes habilitados para trabalhos junto à família e à comunidade. A Faculdade também oferece curso de Especialização em Gerontologia Social aos graduados em diversas áreas do conhecimento, visando à formação de docentes para o ensino e investigação na área, como também atender aos profissionais que trabalham com a terceira idade (Rahal, 1994).

O programa da Universidade da Terceira Idade oferecido pela Universidade Metodista de Piracicaba - SP, desde 1992, apresenta quatro objetivos gerais: abrir aos professores e alunos da Universidade um campo novo e amplo, com novas perspectivas de enriquecimento da extensão, da pesquisa e da docência, para os primeiros, e de estágios, para os segundos, de maneira a contribuir para a real articulação *ensino - pesquisa - extensão*, de acordo com os princípios éticos valorativos da política acadêmica da UNIMEP; refletir sobre a questão do envelhecimento do ser humano, levando em conta as características desse processo e a relação do idoso com a sociedade em que vive; desenvolver e estimular ações que promovam a integração do idoso à comunidade e aos processos sociais que o alcançam; e formar agentes gerontológicos, aptos a assumir papel mais qualificado como ser em sociedade. O currículo do programa desenvolve-se sob o sistema de quatro módulos, com duração de um semestre letivo cada um, que abrangem cursos de atualização cultural, atividades desportivas e artísticas (Alves, 1997).

A Universidade Aberta Para a Terceira Idade, da Universidade São Judas Tadeu - SP, oferece aos seus alunos educação permanente, através de cursos de extensão cultural ministrados em três semestres letivos. Os cursos estão divididos em módulos que abrangem temas nas áreas de ciências humanas, biológicas e atividades de arte, literatura e lazer. Destinam-se a pessoas com idade superior a 45

anos, não importando o nível de formação escolar. Após a frequência regular às aulas e demais atividades desenvolvidas ao longo do programa, os alunos recebem um certificado de conclusão do curso (Universidade São Judas Tadeu, 1996).

Na Universidade Católica de Goiás – GO - em 1992 foi criado o programa Universidade Aberta à Terceira Idade, tendo como objetivos: consolidar o compromisso social e político da Universidade com a sociedade; democratizar o saber, possibilitando às pessoas adultas e idosas o acesso à Universidade, na perspectiva da educação permanente (embora os cuidadores falem em educação continuada), do resgate da cidadania e do desenvolvimento do espírito de convivência; despertar nos alunos a consciência da responsabilidade social, motivando-os a assumir uma presença efetiva nas organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Tendo como público alvo pessoas acima de 50 anos, sem exigência de escolaridade, o curso é operacionalizado através de uma abordagem interdisciplinar e interdepartamental, fundamentando-se em pressupostos gerontológicos e de natureza sócio-política e educativa. O programa compreende dois semestres letivos e as disciplinas abrangem: os aspectos biológicos e psicológicos do envelhecimento; os aspectos sociais, políticos e culturais na terceira idade e atividades artísticas e desportivas. Ao término do curso, o ex-aluno que desejar poderá passar a frequentar a “Oficina de Convivência” (Universidade Católica de Goiás, 1996).

A Universidade de São Paulo – USP - estruturou o projeto Universidade Aberta à Terceira Idade em 1993, visando: integrar o idoso no seio da comunidade acadêmica; conscientizar o indivíduo de terceira idade da importância de seu papel na sociedade como elemento gerador de “equilíbrio social”; trazer à comunidade acadêmica jovem a experiência do idoso como forma de enriquecimento e valorização da vida; ampliar o papel social da Universidade, tornando-a elo de ligação entre o idoso e as instituições, e os serviços a ele voltados. Os alunos cursam disciplinas dos cursos de graduação nas três áreas do conhecimento: ciências exatas, biológicas e humanas oferecidas nos diversos “campi” da USP

existentes no Estado. Os requisitos prévios exigidos para cursá-las incluem: idade mínima de 60 anos, exame de currículo, entrevista ou formação superior e o número de vagas disponíveis em cada disciplina estabelecidas pelos professores. O programa não oferece diploma, certificado ou atestado de conclusão de curso, como também não cria vínculo oficial do participante com a USP. Além de cursar as disciplinas, os alunos participam de atividades complementares didático-culturais e físico-esportivas destinadas a sua coorte etária, tais como: programa lazer com arte; oficina de criatividade; concertos didáticos com a orquestra sinfônica da USP; cursos de línguas, matemática do dia-a-dia e gerontologia social; fórum de debates sobre a terceira idade; caminhadas; ginásticas e condicionamento físico. Nos campi de São Paulo e Ribeirão Preto existem Centros de Estudos e Pesquisas ligados à Terceira Idade (Universidade de São Paulo, 1996).

A Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade do Sagrado Coração - USC - Bauru, SP, organizada em 1996, salienta que o programa é um serviço que a USC presta à comunidade baurense e da região, como uma contribuição à melhoria de vida das pessoas idosas e mais um instrumento de sua missão evangelizadora/educacional. Seus objetivos são: desenvolver ações que promovam a integração das pessoas da terceira idade entre si, com a comunidade universitária e a sociedade em geral; oferecer a esse respeitável segmento da população oportunidade de crescimento pessoal e enriquecimento cultural; e propiciar a aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades, através de cursos, palestras, coral, oficinas e encontros (Universidade do Sagrado Coração de Jesus, s.d.).

Em 1997, a Universidade de Sorocaba, SP – UNISO - criou o programa Universidade da Terceira Idade, tendo como objetivos gerais: atender à demanda crescente na realidade nacional e às implicações do processo de envelhecimento; facilitar, através da extensão cultural, e em caráter permanente, a criação de um espaço biopsicossocial abrangente destinado ao público alvo; e buscar a formação de agentes participativos, para interagir na prestação de serviços na sociedade

atual. Seus objetivos específicos são: permitir às pessoas idosas o acesso à Universidade, resgatando através da educação permanente suas potencialidades; estimular a reinserção social dessa clientela, em especial os aposentados, de modo a sair do seu isolamento e a valorizar sua contribuição efetiva na comunidade local; possibilitar a auto-identificação de potencialidades e possibilidades culturais e ou ocupacionais, visando o resgate e a valorização da pessoa da terceira idade na comunidade. O programa foi organizado através de módulos que oferecem disciplinas-eixo, complementares e práticas, tais como: Aspectos Biológicos, Psicológicos e Culturais; Contexto Cultural na Terceira Idade; Literatura; Artes, Música e Dança; Dinâmica de Grupo; Comunicação; Direito; Consolidando a Cidadania. Este programa foi idealizado para atingir especificamente pessoas da terceira idade (Universidade de Sorocaba, 1997).

De acordo com Erbolato (1996), a proliferação dessas Universidades, juntamente com os movimentos organizados de aposentados, são alguns dos indicadores de que a velhice vem ganhando visibilidade cada vez maior no Brasil. Outros fatores teriam influenciado essa visibilidade, entre eles: o surgimento de grupos de idosos com nível sócio-econômico mais elevado; a ação dos meios de comunicação de massa, que estabeleceram padrões “jovens” de consumo e atividade, mobilizando muitos idosos; a maior divulgação dos conhecimentos sobre o envelhecimento populacional, suas relações com a saúde, suas consequências na prestação de serviços previdenciários, e suas implicações no mercado de trabalho.

Segundo, Veras & Camargo Jr. (1995), as Universidades da Terceira Idade possuem o papel de: propiciar programas educativos à população de adultos maduros e idosos; promover pesquisas visando à produção de conhecimentos acerca do processo de envelhecimento; formar profissionais para atuarem na área de gerontologia; prestar serviços preventivos de saúde aos idosos. Estes autores ainda salientam a importância da integração entre gerações, à medida que os idosos passam a dividir o mesmo espaço educacional com os jovens dentro das

Universidades. Para os autores, esse contato é uma tentativa particularmente importante para reduzir a discrepância de idéias e valores, que causa tensão entre as diferentes gerações.

As Universidades da Terceira Idade merecem ser estudadas, por atenderem a uma população emergente de aprendizes. É uma clientela pouco conhecida do ponto de vista científico, mas alguns trabalhos começam a ser desenvolvidos, tendo como sujeitos os alunos de diversas instituições. Apesar do pequeno número de trabalhos que pudemos localizar, verificamos resultados interessantes nestas pesquisas, que destacam a importância deste programa para o envelhecimento bem sucedido de seus alunos. Estes estudos englobam temas ligados à religiosidade e satisfação entre pessoas adultas, às práticas de leitura e lazer, à corporeidade na terceira idade, à capacidade e estratégias de aprendizagem, histórias de vida e à avaliação de um programa. Dentre os temas pesquisados, dois são de especial interesse para o nosso estudo: motivos pelos quais os idosos procuram o programa e o impacto do programa sobre a clientela.

5. Velhice Bem-Sucedida e Universidades da Terceira Idade: alguns dados brasileiros

Até o momento, foram desenvolvidos alguns trabalhos científicos, tendo como sujeitos alunos de diversas Universidades da Terceira Idade. Parte destas pesquisas tem como objetivo analisar características dessa clientela, em termos demográficos e sócio-psicológicos. Parte objetiva conhecer a opinião dos usuários sob o impacto da frequência a essa modalidade de educação permanente e sua qualidade de vida, indicada por variáveis tais como atitudes em relação à velhice, satisfação, motivos para frequentar à Universidade da Terceira Idade, e outros trabalhos que envolvem aspectos educacionais desta clientela. A seguir, apresentaremos alguns exemplos selecionados dessas investigações.

Em pesquisa realizada por Goldstein & Neri (1993), verificaram-se relações entre satisfação na vida, depressão e as dimensões subjetivas da religiosidade entre pessoas adultas. Os 173 sujeitos investigados eram participantes de programas de educação permanente; 33 faziam parte de um grupo do SESC, 19 eram oriundos de um Grupo de Convivência e 121 freqüentavam uma Universidade da Terceira Idade. Os resultados demonstraram que os sujeitos percebem seus problemas e procuram melhorar a sua relação com Deus, como forma de aumentar suas chances de envelhecer bem, com senso de integridade e auto-realização.

Em sua dissertação, Simões (1994) pesquisou “o discurso do idoso sobre o seu corpo”, tendo como participantes da pesquisa 150 alunos da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP. Para análise de dados, foram selecionados 34 discursos, reveladores de que a corporeidade vivida pelo idoso tem restrições e eles têm consciência disto. No entanto, esta questão não é empecilho para que eles sintam a importância de participar de todas as atividades propostas pelo Curso, quer sejam atividades motoras ou não. Eles vivenciam as diferentes e novas experiências, sem a preocupação exagerada com os preconceitos que a sociedade manifesta em relações aos seus corpos.

Na Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos, foi realizada uma pesquisa com 70 alunos, tendo o objetivo de identificar como as atividades desenvolvidas no programa refletiram nas relações do idoso com sua família, vizinhança, colegas da própria faculdade e com a comunidade, além de coletar dados sócio-demográficos desta clientela. Os resultados principais foram os seguintes: existe uma predominância de mulheres, sendo que a faixa etária dominante varia entre 56/60 anos. O maior interesse pela participação na Faculdade da Terceira Idade foi a necessidade de se relacionar, seguida pela necessidade de atualização cultural. Para a maioria dos alunos, as relações sociais com os colegas e professores são ótimas e todos participam ativamente das atividades desenvolvidas no programa. A Faculdade da Terceira Idade significou a realização de novas amizades e a continuidade de bom relacionamento com seus

familiares e vizinhança. Uma maior abertura no relacionamento do idoso com seus familiares foi a mudança mais significativa. Esta abertura está relacionada com a importância da atualização de conceitos do idoso, que interferem na relação familiar (Rahal, 1994).

Pizzolato (1995) realizou um estudo sobre as “Características da Construção do Processo de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira com Adultos de Terceira Idade”, tendo como sujeitos, frequentadores de uma Universidade da Terceira Idade. O autor discorre sobre a importância da aprendizagem nesta população, a interferência de déficit de memória e de alguns comportamentos apropriados pelos sujeitos como sendo típicos da velhice, e as dificuldades encontradas pelos professores em lidar com esses alunos, por desconhecimento de suas características.

Na Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, investigou-se “o estilo e as estratégias de aprendizagem” utilizadas por 30 alunas do programa, com idades entre 57 e 75 anos. A pesquisa utilizou-se da análise de textos produzidos em grupo durante a disciplina Qualidade de Vida e Maturidade. A apropriação ativa do conhecimento, fazendo novas leituras, revendo esquemas sociais e questionando pautas previamente estabelecidas foram as estratégias mais encontradas; o estilo reflexivo corresponde a 72%, seguido do estilo pragmático e, por último, o estilo teórico. Os resultados também sugerem que as habilidades relacionadas com a inteligência fluida e rapidez de execução parecem melhorar ao longo do curso, com treinamento sistemático. Outro dado é o reconhecimento de que o saber é socialmente construído (Castilhos & col., 1997).

A leitura e o lazer entre estudantes de uma Universidade da Terceira Idade foram investigados por pesquisadores da Universidade de Mogi das Cruzes - SP . Os estudantes eram homens e mulheres na faixa etária de 55 a 79 anos. Concluiu-se que os estudantes pesquisados estão envolvidos com uma ampla atividade de lazer, dentre as quais a leitura ocupa um espaço apreciável, havendo algumas

diferenças significantes entre homens e mulheres, pois estas apresentam maior variabilidade em suas opções (Garcia & col.,1997).

A Oficina de Memória da Universidade da Terceira Idade da PUC de Minas Gerais, em 1994, publicou poesias, crônicas e depoimentos de 24 alunas, sobre a Belo Horizonte do passado e os momentos mais felizes da vida de cada uma na cidade. A Universidade da Terceira Idade é incluída como as melhores lembranças (Debert,1997).

Em 1994, Ribeiro publicou uma coletânea de textos produzidos por alunos da Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP, nas oficinas literárias que dirigiu durante o período 1991-1993. Nessas oficinas, o professor fazia exercício de sensibilização e criatividade, discutia temas e propunha tópicos previamente organizados por critérios temáticos, para que os idosos tratassem, em suas redações em prosa ou verso, no gênero cômico, dramático e memorialista (Ribeiro, 1994).

Em Neri (1996), encontramos uma extensa pesquisa documental realizada no período de 1991 a 1994, na Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP, a respeito dos motivos que levaram um grupo de 437 adultos maduros e idosos a procurar este programa. Independente de gênero e idade, essas pessoas deram respostas que puderam ser categorizadas em cinco grandes classes. Elas são as seguintes, por ordem de importância para o grupo pesquisado: busca de conhecimentos e de atualização cultural - desejo de completar seu ciclo de educação formal, satisfazendo assim um grande sonho; motivos orientados ao self - busca de oportunidades para o auto-desenvolvimento, auto-conhecimento, regulagem emocional e solução de problemas particulares; busca de contato social - intenção de fazer amigos e procurar companhia, desejo de viver em grupo; ocupação do tempo livre - caminho para compensar a perda de papéis ocupacionais; compromisso com a geratividade - desejo de saber mais, para poder auxiliar os entes queridos e os outros idosos na busca por seus direitos. O estudo coloca em evidência os grandes temas evolutivos dessas faixas etárias, tais como a integridade, a geratividade e o envolvimento.

Erbolato (1996) realizou uma pesquisa qualitativa com um grupo de 24 alunos na mesma instituição, sendo um grupo formado por ingressantes, outro por veteranos e o terceiro por egressos. O objetivo geral do estudo foi “avaliar o impacto do programa, segundo a óptica de seus alunos”. Os resultados revelaram que o programa trouxe benefícios nas áreas pessoal, intelectual e social. Foram mencionadas alterações positivas em suas concepções de envelhecimento, nos cuidados com a saúde, na rotina de vida, no enfrentamento de problemas, no relacionamento com os amigos e na auto-percepção. Os alunos não perceberam mudanças significativas na vida social, lazer, atividades em grupo, relacionamento com familiares, vida amorosa, religiosidade, concepção de morte e planos para o futuro. Poucos relatos confirmaram os dados obtidos por Neri, sobre os motivos para frequentar o programa; a maioria mencionou a busca de conhecimentos e um número menor citou a busca de oportunidades para convivência. Outros dados coletados em relação ao programa, que os sujeitos apreciam, são o caráter não seriado, a ausência de notas e graus, e a não compulsoriedade de presença.

A análise que Guerrero (1993) faz da mesma Universidade da Terceira Idade, considera que os motivos relatados pelos alunos, quando de seu ingresso na Universidade, eram: investir no próprio conhecimento, atualizar-se, realizando assim um antigo sonho; ampliar o círculo de relações sociais, estabelecendo novas amizades com pessoas que possuem interesses semelhantes.

Analisando o programa da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP, Alves (1997) faz referência a um levantamento realizado em 1993, nesta instituição, sobre os motivos alegados pelos alunos para frequentarem o curso. As respostas concentram-se, em primeiro lugar, em torno da expectativa de fazer novas amizades e busca de convívio social, especialmente com pessoas da mesma faixa etária, isso como forma de superar um estado de ociosidade e de isolamento. A expectativa de manter-se atualizado e adquirir maiores conhecimentos, especialmente com relação à terceira idade, foi outro motivo apontado. Aparecem, ainda, referências em relação à atuação em instituições da comunidade, em nível

de troca de experiências. Para a quase totalidade dos alunos, o curso estava correspondendo às suas expectativas.

A Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro realizou uma pesquisa com os alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade - UnATI-UERJ. Foram levantados dados sócio-demográficos de 250 alunos de ambos os sexos, com idade acima de 60 anos. Investigou-se a UnATI, como um espaço de informação e de sociabilidade, e concluiu-se que estes são um dos principais motivos que levaram os alunos a procurar o programa (Peixoto, 1997).

Outra pesquisa realizada na mesma instituição é a de Sant'Anna (1997). Este trabalho foi realizado através da análise do cadastro de 800 alunos usuários da UnATI-UERJ, e entrevistas que visaram conhecer estes idosos, suas formas de morar e seus arranjos familiares no interior dos quais eles vivem. Dentre os dados levantados, deu-se especial atenção à identificação dos arranjos familiares. Concluiu-se que são múltiplos os formatos familiares deste grupo. O idoso não vive necessariamente no interior de famílias extensas, acolhidos pelos seus filhos; existe uma alta prevalência de mulheres morando sozinhas, muito distante da proporção com que esse fato ocorre na população idosa em geral.

Os dados apresentados mostram que o assunto ainda é novo em nosso meio. São trabalhos isolados, feitos a partir de óticas particulares, não sendo possível identificar neles tendências teóricas ou metodológicas. Não foram encontrados tampouco trabalhos de acompanhamento de grupos ou instituições, quer de avaliação dos programas, quer do impacto dos mesmos sobre os usuários.

Por acreditar que um enfoque longitudinal aplicado às avaliações dos usuários sobre os programas de Universidade da Terceira Idade constituem rica fonte de informação para a área, resolvemos empreender a presente pesquisa. A instituição escolhida foi a Universidade São Francisco, que mantém unidades de Universidade da Terceira Idade em Bragança Paulista e Itatiba. Desta cidade saiu a amostra do estudo ora apresentado. No próximo tópico será apresentada uma breve caracterização do programa que aí vigora.

6. Caracterização da Universidade da Terceira Idade da Universidade São Francisco em Itatiba, SP

Segundo seus organizadores, o programa é fruto da necessidade que as Universidades têm sentido no atendimento de uma população idosa crescente, representada por um grande número de adultos inativos e aposentados, e que tende a aumentar consideravelmente nas próximas décadas. Considerando estes aspectos, a Universidade São Francisco, fundamentada numa visão religiosa, prontificou-se a cumprir seu papel de promover a integração com a comunidade, oferecendo em seus *campi* o Programa Universidade Para a Terceira Idade (Universidade São Francisco, 1994).

O programa foi implantado no *campus* de Itatiba, em 1995, com os seguintes *objetivos*:

- Aproximar a Universidade da comunidade onde se insere, trazendo para o seu espaço a parcela da população atualmente excluída das oportunidades culturais e acadêmicas;
- Oferecer às pessoas da terceira idade, oportunidade de desenvolvimento pessoal e social, integrando-as à comunidade universitária;
- Possibilitar ao grupo de terceira idade, a discussão da sua integração biopsicossocial e seu papel no contexto cultural;
- Proporcionar orientações e sugestões, visando qualidade de vida saudável, aprimorando o ajustamento social, físico e emocional;
- Oferecer oportunidades para a prática de atividades físicas, de acordo com as possibilidades do grupo.

Clientela:

A clientela é composta de pessoas de ambos os sexos, com 40 anos ou mais, e nível de escolaridade adaptado às exigências do módulo escolhido para cursar.

Estrutura:

As atividades propostas são oferecidas através de quatro módulos distintos, com objetivos específicos, contendo disciplinas semestrais, que podem ser escolhidas através do interesse, possibilidade e nível de instrução dos participantes. A conclusão destes quatro módulos deve ocorrer num período máximo de 36 meses.

O módulo 1 é composto de atividades relacionadas ao lazer e à integração social, além do estímulo às atividades manuais, podendo suas disciplinas serem cursadas sem que haja qualquer exigência quanto à escolaridade.

Este módulo compõe-se de oito disciplinas, sendo duas obrigatórias e seis optativas, listadas a seguir, contendo 34 horas-aula cada uma, oferecidas semestralmente.

- A Cidadania na Terceira Idade (disciplina obrigatória);
- Dinâmica de Grupo I (disciplina obrigatória);
- Ateliê de Teatro;
- Ateliê de Canto;
- Ateliê de Expressão Manual;
- Hidroginástica;
- Danças de Salão;
- Tópicos de Fitoterapia I.

O módulo 2 é composto por atividades de caráter formativo e informativo, exigindo, portanto, dos participantes interesse pelos assuntos propostos e nível de escolaridade compatível com as necessidades das disciplinas.

Este módulo compõe-se de 10 disciplinas, sendo duas obrigatórias e oito optativas, listadas a seguir, contendo 34 horas-aula cada uma, oferecidas semestralmente.

- Dinâmica de Grupo II (disciplina obrigatória);
- Aspectos Biológicos do Envelhecimento (disciplina obrigatória);

- Aspectos Psicossociais do Envelhecimento;
- Prevenção e Saúde;
- Avanços na Legislação Social para a Terceira Idade;
- Educação Ambiental;
- Introdução à Informática;
- Ateliê de Música;
- Ateliê de Comunicação;
- Ateliê de Desenho.

O módulo 3 é composto por atividades de caráter formativo e informativo, porém com maior profundidade e exigência que as do nível 2.

Este módulo compõe-se de 10 disciplinas, sendo duas obrigatórias e oito optativas, listadas a seguir, contendo 34 horas-aula cada uma, oferecidas semestralmente.

- Pensamento Lógico, Memória e Exercício na Terceira Idade (disciplina obrigatória);
- O Idoso e sua Responsabilidade Social (disciplina obrigatória);
- Tópicos de Fitoterapia II;
- O Espaço da Religiosidade para o Idoso;
- Noções de Economia;
- História Contemporânea do Brasil;
- Neurolinguística;
- Ateliê de Letras;
- A Cultura e a Terceira Idade;
- Cinema.

O módulo 4 é composto por um estágio supervisionado de, no mínimo 136 horas, onde o participante poderá integrar-se à comunidade, oferecendo seu trabalho de acordo com seus interesses, aspirações e motivações.

Também são desenvolvidas pesquisas de acordo com as necessidades que surgem no decorrer dos estágios.

Além das disciplinas oferecidas, os alunos participam de atividades sociais, como agentes de saúde e educacionais, a fim de promover orientações à população das cidades nas quais a Universidade para a Terceira Idade se insere.

Avaliação:

A avaliação de cada participante nas disciplinas é realizada através de trabalhos determinados por cada docente; não são previstas provas formais. Além disso, é flexível o critério para definir a frequência às aulas.

Certificados:

Aos concluintes dos quatro módulos é conferido um certificado especial, caracterizando o tipo de sua participação, sendo considerado Aprimoramento. Os que não concluem todos os módulos recebem um certificado de Curso de Extensão.

Periodicidade das aulas e espaço físico:

As aulas são oferecidas três vezes por semana no período da tarde, sendo que em cada tarde são ministradas duas disciplinas com duas horas/aula cada uma. O desenvolvimento das atividades ocorre em salas de aula, piscina e quadra poliesportiva.

7. Objetivos

a. Verificar em que grau a frequência a uma Universidade da Terceira Idade está correspondendo às expectativas de seus usuários, um ano após o ingresso;

b. Levantar indicadores de opinião sobre o grau em que o programa está afetando a qualidade da experiência de envelhecimento dos usuários de um programa de educação para idosos, em termos de seu bem-estar subjetivo e de sua auto-imagem.

MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada um ano depois de um levantamento de motivos para frequentar a Universidade da Terceira Idade e de crenças em relação à velhice, realizados por Neri (1996a e 1996b) com 125 alunos que se matricularam no ano letivo de 1995.

Para este estudo, foi realizado um levantamento para saber quantos alunos desse grupo original continuavam freqüentando a instituição, no momento em que se pretendia coletar os dados de seguimento. O levantamento, feito com auxílio da coordenação do programa, revelou que havia 40 mulheres e um homem do grupo original. Este foi excluído, uma vez que não seria possível fazer comparações pelo critério de gênero e o grupo de interesse ficou constituído como se segue.

1. Sujeitos

Foram 40 mulheres dentre 125 indivíduos que haviam participado de anterior pesquisa de levantamento. No grupo desta pesquisa havia 12,2% de indivíduos entre 40 e 49 anos de idade; 26,8% tinham entre 50 e 59; 39% tinham entre 60 e 69 e 22% contavam entre 70 e 89 anos de idade. Trinta e quatro por cento tinham escolaridade primária, 19,5% haviam completado o curso ginásial, 24,5% o colegial e 22% a Universidade. Quarenta por cento eram casadas, 36,5% eram viúvas, 7,3% solteiras e 7,3% divorciadas, desquitadas ou separadas. Vinte por cento eram donas-de-casa, que nunca haviam trabalhado fora, 37,5% eram aposentadas e 42,5% trabalhavam (destas 29,5% em segunda carreira, depois de sua aposentadoria).

2. Instrumentos

Foi elaborado um formulário de pesquisa contendo quatro partes, cada uma das quais destinada a atender a um dos requisitos da pesquisa.

a. Questionário contendo 11 questões fechadas e mistas, para levantamento de dados sócio-demográficos;

b. Escalas de cinco pontos (*nada a muito*), destinadas a levantar as avaliações dos participantes sobre o grau em que freqüentar o programa oferecido estava se revelando compatível com suas expectativas por ocasião do ingresso. Para tanto, o formulário informava sobre quais eram os motivos revelados na pesquisa anterior, usando-os como itens para resposta. Eles compreendiam: *busca de conhecimentos, busca de contato social, busca de aperfeiçoamento pessoal, ocupação do tempo livre*;

c. Onze escalas de cinco pontos (*nada a muito*), avaliando a opinião dos sujeitos sobre o bem-estar decorrente da freqüência à Universidade da Terceira Idade. Os itens foram estabelecidos de acordo com a literatura, pretendendo-se cobrir os domínios comumente nela citados como indicadores de bem-estar subjetivo (Neri, 1993, 1997 e 1998). No Quadro 1 aparecem esses itens e os construtos teóricos a eles associados.

Quadro 1

Itens avaliados em relação ao bem-estar percebido e construtos associados

<i>Itens avaliados</i>	<i>Constructos</i>
Atividade	Agência (Bandura, 1986; 1997)
Satisfação	Satisfação (Havighurst & Tobin, 1961 e 1964)
Produtividade	Agência
Relacionamento familiar	Relações sociais (Antonucci, 1991)
Expectativas em relação ao futuro	Integridade do ego (Erikson & Kivnick, 1986)
Saúde física	Agência
Forma de encarar a morte	Integridade do ego
Atitudes em relação aos jovens	Atitudes em relação à velhice e ao curso de vida (Neri, 1991; 1996 a e b; 1997)
Atitudes em relação aos idosos	Atitudes em relação à velhice e ao curso de vida
Capacidade de auto-afirmação	Agência
Memória, inteligência e resolução de problemas (dia-a-dia)	Cognição (Salthouse, 1997)

d. Cinco escalas de cinco pontos (*nada a muito*), focalizando o grau em que freqüentar a Universidade contribui para a melhoria da auto-imagem dos usuários, a partir de conceitos sobre percepção social e de atitudes em relação à velhice (Neri, 1997): *aceitação social, confiança nas capacidades, credibilidade, respeito e valorização*.

O Anexo contém o formulário na íntegra.

3. Procedimento

A pesquisadora foi apresentada aos alunos pela coordenadora do curso, ocasião em que foram dadas informações e justificativas sobre a pesquisa. Na mesma sessão eram passados os formulários, que eram lidos, discutidos, exemplificados oralmente pela aplicadora.

RESULTADOS

Foram feitas análises estatísticas descritivas, univariadas, sobre as variáveis focalizadas, usando-se como variáveis os critérios de idade, escolaridade, estado civil e ocupação. Depois foi feita uma análise multivariada, com o intuito de explorar a natureza da variação conjunta dos dados.

1. Na opinião dos sujeitos, depois de um ano, as expectativas com que iniciaram a Universidade da Terceira Idade estavam sendo cumpridas?

Numa escala de cinco pontos, os sujeitos avaliaram essa questão de modo muito similar, motivo pelo qual os testes, baseados em cálculo do grau de significância estatística das diferenças observadas entre médias, apresentaram resultados não significantes. Por esse motivo vamos usar como critério de análise a variável idade, que aliás é poderoso indicador de fatos do desenvolvimento e, para a amostra considerada, tem forte relação com oportunidades educacionais, estado civil e ocupação (ver Tabela 1).

Tabela 1

Estatísticas relativas à satisfação de motivos para freqüentar uma Universidade da Terceira Idade

<i>Expectativas de realização dos motivos</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
1. Busca de conhecimento	3,15	0,92
2. Busca de contato social	2,87	1,04
3. Aperfeiçoamento pessoal	3,07	0,81
4. Utilização do tempo livre	3,17	0,78

A Tabela 2 apresenta os resultados da análise de variância (teste Tuckey) para a variável idade.

Tabela 2
Estatísticas do teste Tuckey para as variáveis relativas à satisfação de motivos para ir à Universidade em relação à idade dos sujeitos

<i>Expectativas de realização dos motivos</i>	<i>Razão de F</i>	<i>Probabilidade de F</i>
1. Busca de conhecimento	2,5974	0,530
2. Busca de contato social	4,1938	0,007*
3. Aperfeiçoamento pessoal	2,4422	0,641
4. Utilização do tempo livre	0,6995	0,597

*significante ao nível de 0,05

Foi aplicado o teste Duncan para verificar quais grupos diferenciaram dos demais em relação a essa variável. Para um nível de significância igual a 0,05, obteve-se que o grupo de 60 a 69 anos diferiu dos demais, tendo sido o que apresentou as opiniões mais positivas quanto ao grau em que o programa está satisfazendo às suas expectativas de busca de conhecimento (M= 3,60) e busca de aperfeiçoamento pessoal (M=3,43). Esse mesmo grupo também diferiu dos demais em relação ao motivo busca de contato social (M=3,20), mas o grupo etário de 50 a 59 anos também se diferenciou (M=3,36). Com relação à variável utilização do tempo livre, não foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre as médias dos grupos etários.

Foram computadas as correlações parciais para as mesmas variáveis em relação às variáveis critério idade, escolaridade, estado civil e ocupação. Para as quatro variáveis critério, ocorreram correlações estatisticamente significantes (para $p < \text{ou} = 0,05$) entre o motivo busca de contato social, busca de conhecimento, busca de aperfeiçoamento pessoal e utilização do tempo livre. Este correlacionou-se com busca de aperfeiçoamento pessoal. Esses dados sugerem uma associação entre os motivos desses estudantes quanto a freqüentar o programa Universidade da Terceira Idade.

2. *Qual a avaliação dos sujeitos sobre em que grau a frequência ao programa Universidade da Terceira Idade estava afetando o seu bem-estar subjetivo?*

As avaliações dos sujeitos em relação a este aspecto estiveram sempre em torno do ponto médio das escalas e não apresentaram diferenças estatisticamente significantes, quando se considerou as variáveis idade, escolaridade, estado civil e ocupação. Na Tabela 3, é possível observar os valores das médias e dos desvios padrão para as 11 variáveis para todo o grupo.

Tabela 3

Estatísticas referentes às avaliações sobre o grau em que freqüentar o programa afeta o bem-estar subjetivo dos sujeitos

<i>Itens avaliando bem-estar subjetivo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>
1. Atitudes em relação ao idoso	3,21	0,90
2. Atitudes em relação ao jovem	2,95	2,95
3. Atividade	3,19	3,19
4. Capacidade física	3,14	1,01
5. Cognição	2,92	0,90
6. Enfrentamento da morte	2,10	1,25
7. Expectativas de futuro	2,78	1,08
8. Produtividade	2,77	0,83
9. Relações familiares	2,78	1,17
10. Satisfação	3,31	0,60
11. Saúde física	2,97	1,03

Foi realizada uma análise de variância mediante a prova Tuckey para analisar o grau de associação entre as médias nessas variáveis e as variáveis idade, escolaridade, estado civil e ocupação. Os resultados figuram na Tabela 4.

Tabela 4

Estatísticas resultantes da análise de variância aplicada às variáveis indicadoras do grau em que os sujeitos avaliam que a frequência à Universidade da Terceira Idade afetou o seu bem-estar subjetivo

Itens avaliando bem-estar subjetivo	Idade		Escolaridade		Estado civil		Ocupação	
	<i>Razão F</i>	<i>Prob. F</i>	<i>Razão F</i>	<i>Prob. F</i>	<i>Razão F</i>	<i>Prob. F</i>	<i>Razão F</i>	<i>Prob. F</i>
1. Atitudes em relação ao idoso	2,577	0,053*	1,663	0,191	0,826	0,487	0,8011	0,532
2. Atitudes em relação ao jovem	4,801	0,033*	0,348	0,790	0,142	0,934	0,4073	0,802
3. Atividade	3,610	0,014*	0,674	0,573	1,968	0,135	0,693	0,601
4. Capacidade física	7,347	0,002*	0,638	0,594	0,298	0,826	0,085	0,476
5. Cognição	2,554	0,055*	0,826	0,487	0,119	0,948	0,141	0,965
6. Enfrentamento da morte	1,160	0,139	0,998	0,404	0,375	0,771	2,981	0,082
7. Expectativas de futuro	3,370	0,019*	0,725	0,543	0,442	0,737	1,202	0,326
8. Produtividade	2,162	0,093	0,334	0,800	0,938	0,432	0,569	0,086
9. Relações familiares	6,949	0,000*	0,695	0,561	1,056	0,379	0,485	0,746
10. Satisfação	2,834	0,038*	0,856	0,472	0,634	0,597	0,402	0,805
11. Saúde física	3,671	0,013*	0,199	0,986	1,187	0,327	0,633	0,642

*significante ao nível de 0,005

O teste Duncan foi aplicado para verificar quais grupos diferiam dos demais em relação à variável idade. Os dados evidenciaram o descrito no Quadro 2:

Quadro 2

Estatísticas relativas aos resultados do teste Duncan, às variáveis relativas à avaliação dos benefícios sobre o bem-estar subjetivo pelos grupos de idade

<i>Itens avaliando bem-estar subjetivo</i>	<i>Diferenças estatisticamente encontradas entre os seguintes grupos de idade</i>
1. Atitudes em relação ao idoso	60-69 e 70-79
2. Atitudes em relação ao jovem	Todos, excluindo-se os dois sujeitos de mais de 80 anos
3. Atividade	60-69
4. Capacidade física	Todos, excluindo-se os dois sujeitos de mais de 80 anos
5. Cognição	60-69 anos
7. Expectativas de futuro	Todos, excluindo-se os dois sujeitos de mais de 80 anos
8. Produtividade	60-69
9. Relações familiares	40-49; 60-69; 70-79
10. Satisfação	50-59
11. Saúde física	60-69; 70-79

3. Na opinião dos sujeitos, em que grau a freqüência à Universidade da Terceira Idade provou alterações na percepção que os outros têm a respeito deles?

Foram cinco as variáveis consideradas: aceitação, confiança na capacidade, respeito e valorização. As estatísticas para elas são as que aparecem na Tabela 5, considerando-se o grupo segundo o critério de idade, já que não foram observadas diferenças estatisticamente significantes entre as médias, quando se consideraram as outras variáveis.

Tabela 5

Estatísticas referentes às avaliações dos sujeitos sobre o grau em que frequentar a Universidade da Terceira Idade afetou a sua auto-imagem

<i>Variáveis de auto-imagem</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>
1. Aceitação	2,82	1,22
2. Confiança na capacidade	3,04	1,30
3. Credibilidade	2,97	1,29
4. Respeito	2,90	1,25
5. Valorização	2,95	1,30

A análise de variância (teste Tuckey) aplicada às mesmas variáveis mostrou os resultados que aparecem na Tabela 6.

Tabela 6

Estatísticas resultantes da análise de variância aplicada às variáveis indicadoras do grau em que os sujeitos avaliam que a frequência à Universidade da Terceira Idade afetou a auto-imagem

<i>Variáveis de auto-imagem</i>	<i>Razão de F</i>	<i>Prob. de F</i>
1. Aceitação	3,545	0,015
2. Confiança na capacidade	2,637	0,049*
3. Credibilidade	4,164	0,007*
4. Respeito	3,021	0,030*
5. Valorização	2,096	0,101

**significante ao nível de 0,005*

O teste Duncan, feito para saber quais grupos diferiam dos demais nas variáveis acima, revelou que, quanto à confiança nas capacidades, o grupo de 60 a 69 diferiu dos demais, assim como o mesmo grupo foi o que diferiu dos outros nas variáveis credibilidade e respeito.

Finalmente, foi realizada uma análise multivariada referente à totalidade dos itens, com o intuito de verificar sua variação conjunta e levantar variáveis latentes. O método adotado foi o de componentes principais com rotação Varimax, resultando em quatro fatores, cuja interpretação e cujas cargas fatoriais aparecem na Tabela 7.

Tabela 7

Fatores resultantes da análise de componentes principais, com todas as variáveis estudadas e cargas fatoriais de cada item

<i>Fator 1</i> <i>Benefícios ao auto-conceito</i>	<i>Fator 2</i> <i>Benefícios ao senso de auto-eficácia</i>	<i>Fator 3</i> <i>Benefícios ao bem-estar subjetivo</i>	<i>Fator 4</i> <i>Benefícios à perspectiva sobre o curso de vida</i>
Valorização social (0,96058)	Motivo de busca de conhecimento (0,89939)	Saúde física (0,85052)	Enfrentamento da morte (0,88932)
Aceitação social (0,95412)	Motivo de busca de aperfeiçoamento pessoal (0,88106)	Atitudes em relação ao idoso (0,80541)	Atitudes em relação ao jovem (0,67626)
Respeito (0,94703)	Motivo de busca de contato social (0,78924)	Satisfação (0,67430)	
Credibilidade (0,93727)	Motivo de busca de utilização de tempo livre (0,72756)	Capacidade física (0,62583)	
Confiança nas capacidades (0,90427)	Melhora na cognição (0,66337)	Expectativa em relação ao futuro (0,58199)	
	Melhora na produtividade (0,60976)	Atividade(0,57833)	
		Relações familiares (0,54311)	

Como se percebe pela leitura da tabela precedente, resultaram da análise quatro fatores independentes envolvendo a totalidade das variáveis focalizadas. O Fator 1 respondeu por 45,6% da variância total, o Fator 2 respondeu por 19,1%, o Fator 3 por 8,3% e o Fator 4 por 5,9%.

Resumindo os resultados da presente pesquisa, envolvendo 40 mulheres que avaliaram os efeitos da participação numa Universidade da Terceira Idade, um ano após seu ingresso, podemos afirmar o seguinte:

1. A Universidade teve uma influência marcante sobre a auto-imagem dos seus participantes, uma vez que eles pensam que o principal ganho foi relativo à imagem social;

2. Para os sujeitos, a imagem social mudou porque o programa permite aos seus participantes alguns ganhos educacionais significativos, que se refletem positivamente em sua cognição e em sua produtividade;

3. O bem-estar subjetivo dos participantes foi positivamente afetado, principalmente em relação à saúde física percebida, às atitudes em relação aos idosos, à auto-percepção da capacidade física, à perspectiva de futuro, à atividade e às relações familiares;

4. A perspectiva em relação ao curso de vida foi afetada como um todo, uma vez que, na opinião dos sujeitos, melhorou o seu bem-estar subjetivo relativamente à sua capacidade de enfrentamento da morte e, também, quanto às atitudes em relação aos mais jovens;

5. A variável idade revelou-se um preditor importante das percepções sobre as vantagens da participação em um programa de educação permanente, sobrepondo-se aos efeitos das variáveis escolaridade, estado civil e ocupação;

6. Os dados mostraram que idade é uma variável preditora de busca de conhecimentos, de contato social e de aperfeiçoamento pessoal como motivos relevantes para freqüentar uma Universidade da Terceira Idade. Foram os sujeitos pertencentes à faixa etária de 60 a 69 anos que diferiram dos demais em relação às três variáveis, o que permite dizer que esse três motivos foram mais relevantes para as que tinham entre 60 e 69 anos. Por outro lado, as mulheres de 50 a 59 anos estão mais em busca de contato social do que as das outras faixas etárias. A motivação de preencher o tempo livre foi um motivo alegado por todos os grupos de idade;

7. As mudanças em aspectos do bem-estar subjetivo que foram mais associadas à idade dos sujeitos foram atitudes em relação ao idoso, atitudes em relação ao jovem, atividade, percepção da capacidade física, cognição, expectativas em relação ao futuro, relações familiares, satisfação e saúde física percebida.

8. O grupo mais afetado por essas melhorias percebidas foi, de novo, o de 60 a 69 anos. Ficaram excluídos das considerações dos sujeitos, independentemente da idade, o enfrentamento da morte e a produtividade;

9. A variável avaliada mais positivamente, no que diz respeito à alteração na auto-imagem como um dos benefícios percebidos de freqüentar o programa, foi confiança na própria capacidade;

10. Em relação aos benefícios à auto-imagem, o grupo que se descreveu como mais beneficiado pela freqüência ao programa foi o de 60 a 69 anos;

11. Os dados obtidos permitiram dividir o grupo em dois, no que diz respeito à idade: as não idosas, que têm entre 40 e 59 anos e as idosas, que têm de 60 para cima, com motivações e percepções diferentes entre si.

DISCUSSÃO

Os resultados demonstraram que as alunas da Universidade da Terceira Idade, participantes deste estudo, obtiveram benefícios ao frequentar o programa. Segundo a óptica delas, os benefícios foram relacionados ao auto-conceito, ao senso de auto-eficácia, ao bem-estar subjetivo e à perspectiva sobre o curso de vida. Além disso, o curso atendeu às suas motivações de busca de conhecimento, aperfeiçoamento pessoal, contato social e quanto à ocupação do tempo livre. A variável idade foi a única que respondeu por diferenças entre as opiniões dos sujeitos, provavelmente porque, confirmando a literatura sobre desenvolvimento na vida adulta, a idade cronológica é forte indicador de tendências à escolaridade, à ocupação e ao estado civil (Birren & Schroots, 1996).

A avaliação mais positiva do grupo diz respeito aos ganhos relativos à imagem social, uma vez que consideram que, ao frequentarem o programa sentiram-se mais valorizadas socialmente, foram mais aceitas e respeitadas, perceberam-se com maior credibilidade e confiança em suas capacidades. Estes ganhos teriam sido fruto dos novos conhecimentos adquiridos no programa, que permitiram mudanças nos aspectos cognitivos e de produtividade. Segundo Neri (1993), citando Baltes (1987; 1993 e 1998), o conhecimento é poderosa fonte de enriquecimento e modulação da inteligência em qualquer época da vida humana. A literatura de pesquisa tem evidenciado que adultos maduros e idosos, sob condições ótimas de saúde e ambiente, podem manter seu sistema cognitivo num nível de funcionamento comparável ao que se exibiram quando eram mais jovens; adquirir novos conhecimentos; aprimorar capacidades de auto-regulação e manter relações sociais significativas. Em estudo realizado por Browning (1995) sobre a educação e aprendizado na terceira idade, ao destacar o papel do fator cognitivo, o autor salienta que as habilidades cognitivas podem ser aperfeiçoadas, à medida que os idosos tenham acesso a novas informações que ocorrem através dos espaços educacionais. Em contato com fatores motivadores para a aprendizagem, eles

podem demonstrar seu potencial cognitivo, contrariando a noção de que o envelhecimento é sinônimo de declínio. Dados semelhantes foram observados por Castilhos & col. (1997), em estudo realizado numa Universidade da Terceira Idade, onde investigou-se o estilo e a estratégia de aprendizagem utilizados por alunas do programa.

À medida em que os sujeitos da presente pesquisa perceberam ganhos cognitivos significativos em sua vida diária, podemos relacionar este dado, com uma maior confiança na própria capacidade, sendo este o ganho mais evidente em relação às alterações no auto-conceito, com fortes repercussões sobre o senso de auto-eficácia. Os conhecimentos adquiridos pelo idoso, através da participação nas atividades oferecidas na Universidade da Terceira Idade, repercutiram de modo favorável em seus relacionamentos sociais, com membros da família (filhos e netos) e amigos pertencentes a outros grupos fora da Universidade. Estes dados também foram encontrados em pesquisas realizadas em outros programas referenciados em Rahal (1994) e Erbolato (1995).

Segundo as participantes da pesquisa, as expectativas em relação ao programa estão sendo satisfeitas quanto à busca de conhecimentos, de aperfeiçoamento pessoal, de contatos sociais e de utilização do tempo livre. O grupo de 60 a 69 anos, foi o que apresentou as opiniões mais positivas quanto à busca de conhecimentos, de aperfeiçoamento pessoal e, de contatos sociais. Dados semelhantes quanto aos motivos para frequentar o programa Universidade da Terceira Idade foram verificados em trabalhos realizados por Guerreiro (1993); Rahal (1994); Neri (1996); Erbolato (1996); Alves (1997) e Peixoto (1997). Para as participantes do grupo de 50 a 59 anos, a necessidade de contato social é maior, pois estão na eminência de perda de papéis familiares e sociais, enquanto que as do grupo de 60 a 69 anos já estariam adaptadas a essas perdas, estando mais envolvidas com tarefas evolutivas que representam demandas mais fortes sobre os recursos pessoais, tais como manutenção das competências cognitivas, enfrentamento da morte, perspectiva de futuro e relações familiares.

Os motivos atualização de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal podem ser interpretados como indicadores da tendência a cumprir uma meta de vida, o de completar o ciclo de educação formal, satisfazendo assim um grande sonho. Este dado foi encontrado por Neri (1996) em pesquisa conduzida com outro grupo de alunos de uma Universidade da Terceira Idade, composto por 437 pessoas. Possuir conhecimento e competência para obter novo conhecimento formal é a garantia de benefícios ao senso de auto-eficácia, agenciamento e controle. O conhecimento serve como veículo de bem-estar, auto-atualização e auto-realização, na medida em que pode promover melhor habilidade de comunicação nas relações sociais. Os contatos sociais possibilitam aumento do bem-estar subjetivo, firmam os recursos pessoais e contribuem para atingir um senso de interdependência com outros semelhantes. Os contatos sociais na meia idade e terceira idade podem promover o estreitamento de recursos pessoais, porque eles facilitam a comparação social, reestruturam o auto-julgamento e o auto-conceito, possibilitando o envelhecimento bem-sucedido para os participantes desta experiência. Ao mesmo tempo, uma procura por atividades de contato social é por si própria indicativo de uma boa adaptação na terceira idade. A ocupação do tempo livre está ligada às necessidades de compensar as perdas dos papéis associados ao envelhecimento e realizar novos aprendizados, para acompanhar os papéis emergentes (Neri, 1996).

A idéia de que houve benefícios para a produtividade está relacionada à manutenção e à melhoria das competências cognitivas e sociais, não à produtividade econômica. Ou seja, ir à Universidade da Terceira Idade significa melhor forma de utilização do tempo livre, que é, sem dúvida, uma manifestação de produtividade.

Os dados demonstraram que o programa trouxe benefícios ao bem-estar subjetivo das participantes, em relação à saúde física percebida, às atitudes em relação aos idosos, à auto-percepção da capacidade física, à perspectiva de futuro, à atividade e às relações familiares. Em pesquisas realizadas por Panayotoff (1993)

e Manheimer & Snodgrass (1993), há dados que confirmam este impacto positivo sobre o bem-estar de adultos maduros e idosos, frequentadores de programas educacionais, no que se refere a sua saúde, às atitudes e às relações interpessoais. Os resultados são também confirmados através dos objetivos apresentados por Peterson (1990) em relação à educação para adultos e idosos, como oportunidade de promoção de melhor qualidade de vida e valorização do potencial desta clientela. Confirmam, assim, a natureza potencializadora da educação, seu potencial compensatório sobre o bem-estar subjetivo dos idosos, bem como seus benefícios para o aumento da atividade, do envolvimento social, do engajamento e, do senso de auto-eficácia, como afirma Neri (1997). Em estudo realizado por Rahal (1994) com alunos de uma Faculdade da Terceira Idade, foram encontrados dados que confirmam que o programa trouxe benefícios ao relacionamento do idoso com seus familiares. Atitudes favoráveis em relação à velhice das participantes da presente pesquisa também foram confirmadas em Neri (1996a; 1996b). Segundo Manheimer & Snodgrass (1993), os programas educacionais para pessoas da terceira idade contribuem para o desenvolvimento de novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice. O dado sobre a melhoria na perspectiva de futuro positiva confirma o verificado em trabalho realizado por Diener & Suh (1997) sobre bem-estar subjetivo, no qual os autores mencionam os efeitos positivos de comparação com coortes idosas anteriores; em comparação com as gerações passadas, os sujeitos percebem-se num processo de envelhecimento biopsicossocial bem-sucedido e melhor do que o de seus pais e avós. Além disso, ao frequentarem o programa, as alunas podem estar demonstrando sua opção por relacionamentos que possibilitam ganhos emocionais e que contribuem para a conservação de seus recursos físicos e cognitivos, conforme observado por Carstensen (1995; 1997).

Foram percebidos benefícios quanto à perspectiva sobre o curso de vida no que se refere à capacidade de enfrentamento da morte e atitudes em relação aos mais jovens. Em levantamento sobre eventos de vida estressantes e capacidades de

enfrentamento, em pesquisa com alunos de uma Universidade da Terceira Idade, Goldstein (1995) observou que, embora a própria morte não seja vista como evento altamente estressor por essas pessoas, elas admitem que, estar junto com seus iguais, obter mais informações e ter mais suporte sócio-emocional, ajuda-os a enfrentar essa idéia, através do suporte social, emocional e instrumental obtidos no programa. Igualmente, pessoas que haviam enfrentado a morte de entes queridos, evento apontado como o mais estressor, disseram que a presença de amigos fornecendo apoio psicológico foi fator relevante ao aumento de suas possibilidades de enfrentamento. A mudança de atitudes em relação aos mais jovens pode ser entendida como um sub-produto da exposição a novos conhecimentos sobre o curso de vida, a novos valores sobre a contemporaneidade veiculados pela Universidade e a novos padrões de comportamento jovem e de interação jovem - adultos e idosos, que os sujeitos desta pesquisa terão tido oportunidade de observar constantemente no espaço universitário. Se é verdade que os estudantes adultos e idosos estavam motivados à realizar a revalorização da própria velhice e a entrar em contato com os mais jovens, que são objetivos das Universidades da Terceira Idade, então pode-se admitir que a deste estudo foi bem-sucedido. Por outro lado, não se deve descartar a hipótese de que o contato com pessoas da mesma idade tenha propiciado às participantes a troca de experiências, a reavaliação de atitudes e preconceitos e, inclusive, até, da forma de dirigir-se e de expressar-se em relação aos mais jovens. Com efeito, na pesquisa de Neri (1996) os idosos relataram que apreciavam a idéia de obter conhecimentos, para poderem interagir com os mais jovens de forma mais igualitária e com menos sentimentos de inferioridade.

A variável idade foi a única variável antecedente significativamente, associada à percepção que as participantes da pesquisa tiveram sobre o impacto do programa em suas vidas. A faixa etária que avaliou mais positivamente este impacto foi o de 60 a 69 anos, o que nos permite dizer que o grupo efetivamente se caracteriza por possuir dois sub-grupos, um de não idosas e outro de idosas. Talvez a superioridade dos efeitos sobre o grupo de idosas relacione-se ao momento de

vida pelo qual as mulheres desta faixa etária estão vivenciando. Possui maior disponibilidade de tempo, devido a mudanças em suas funções maternas (filhos solteiros independentes ou casados), possibilitando-lhes o engajamento em novos grupos sociais e a realização de seu antigo desejo de frequentar uma Universidade e obter, assim, reconhecimento social e senso de auto-realização. Além disso, ir à Universidade da Terceira Idade pode estar relacionado com a divulgação de novas ideologias sobre velhice e o envelhecimento, que passa a ser visto por crescente contingente de idosos brasileiros como uma fase passível de ser vivida com satisfação, ganhos e auto-afirmação. Esta ocorrência é mundial, conforme atestado pela literatura internacional, gerada em países que já completaram o processo de transição demográfica, e que, por isso, têm largos contingentes de idosos com chances cada vez maiores de viverem mais tempo após os 65 anos e, graças às tecnologias de preservação da saúde e de rejuvenescimento, estarem bem praticamente até a morte.

Cresce, assim, o consenso em torno da idéia de que a velhice não é obrigatoriamente um período de perdas, degeneração e afastamento. Um efeito colateral desta ocorrência é a tendência dos idosos viverem uma espécie de nova adolescência (Sheehy, 1996), caracterizada por idéias de renovação, domínio e falta de limites que, de certo modo, até conduz à negação da velhice.

Pode-se afirmar que, de certa forma, os movimentos de idosos, as Universidade da Terceira Idade e organizações como o SESC, no Brasil, têm contribuído para o fortalecimento e a disseminação dessa ideologia, que se reflete, por exemplo, em eufemismos como “melhor idade”, “maioridade”, “maturidade” para fazer referência à velhice bem sucedida, também chamada de “terceira idade” (outro eufemismo?).

Segundo Debert (1997:118), as Universidade da Terceira Idade “foram e estão sendo criadas para resgatar a dignidade do idoso, reduzir problemas de solidão, quebrar os preconceitos e esteriótipos que os indivíduos tendem a internalizar. Trata-se de valorizar o cidadão de mais idade, criando espaços para o

lazer e exercício da cidadania. O programa, no entanto, redimensiona qualquer expectativa desse desafio; com um público feminino, mobilizado em idade cada vez mais prematura, é um espaço para uma vivência coletiva de negação da velhice, através das etapas mais avançadas da vida em momentos adequados à conquista do prazer, da satisfação, da realização de sonhos acalentados em outras etapas da vida, do aprendizado de novos conhecimentos, da aquisição de novas experiências”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, pudemos concluir que o programa da Universidade da Terceira da Universidade São Francisco, em Itatiba, tem contribuído positivamente para as concepções sobre envelhecimento bem-sucedido de seus participantes. Suas expectativas com relação ao programa têm sido satisfeitas, seus efeitos têm lhes parecido benéficos ao bem-estar subjetivo e à auto-imagem e, também, têm lhes propiciado oportunidade para discussão do fenômeno velhice.

Existe grande diversidade nas propostas de estruturação dos programas das Universidades da Terceira Idade brasileiras, uma vez que cada instituição toma decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação, na meia idade e na velhice.

A criação de novos espaços para a educação gerontológica, na Universidade e fora dela, vem contribuindo para a criação de uma nova consciência sobre as necessidades dos idosos e sobre a importância de sua participação na sociedade. Contribui também para a disseminação de uma nova ideologia sobre velhice, que enfatiza as possibilidades de desenvolvimento nessa etapa do curso de vida.

Seria interessante que se multiplicassem as iniciativas de reflexão e análise sobre as práticas e as filosofias educativas nessa área, bem como a pesquisa sobre as características dessa população.

Já que as velhas concepções de velhice estão mudando graças, em parte, aos programas educacionais voltados aos adultos maduros e idosos, é preciso que investiguemos as características destes grupos etários e os efeitos desses programas.

Para futuras investigações realizadas no contexto das Universidade da Terceira Idade sugerimos possíveis temas, focalizando aspectos ainda não abordados na pesquisa brasileira, como por exemplo: pesquisas sobre variáveis cognitivas (inteligência cristalizada), sociais (rede de relações) e afetivas (senso de controle e de auto-eficácia, metas de vida); pesquisas longitudinais; pesquisas comparativas entre diferentes modalidades de programas e diferentes clientela; pesquisas de acompanhamento sobre os efeitos de longo prazo de participação; pesquisas com o corpo docente sobre suas características, formação na área gerontológica, suas crenças em relação à velhice, possíveis ganhos pessoais e profissionais de ser docente em uma Universidade da Terceira Idade; etc.....

À guisa de conclusão, é importante salientar a grande força atrativa das Universidades da Terceira Idade, baseadas na valorização do idoso e celebração da velhice, comprovadas pelo grande número de frequentadores e forte atratividade social. Esta adesão aos valores propagados pelo programa vem mostrar que, para os alunos adultos maduros e idosos que a procuram, vivenciar a experiência de envelhecimento como um momento privilegiado da vida também é coisa que se aprende na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, G.G.M. (1997). *Universidade da Terceira Idade como alternativa de resgate da cidadania idosa: análise do caso da UNIMEP*. Dissertação de Mestrado. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, SP.
- ANTONUCCI, T.C. (1991). Attachment, social support, and coping with negative life events in mature adulthood. In E. M. Cummings; A. L. Greene & K. H. Karraker. *Life-span developmental psychology - Perspectives on stress and coping*. N.J.: Hillsdale.
- ANTONUCCI, T.C., & AKIYAMA, H. (1997). Social support and the maintenance of competence. In S.W.Willis; K.W.Schaie & M.Hayward. *Societal mechanisms for maintaining competence in Old Age*. N.Y.: Springer.
- ASSOCIATION INTERNATIONALE DES UNIVERSITÉS DU TROISIEME AGE - AIUTA. (1991). Manual de apresentação. Secrétariat Exécutif, Université des Aînés, Louvain-la-Neuve, Bélgica.
- AUBURN UNIVERSITY. (s.d.). *Center on Aging*. Folheto de apresentação e currículo, Alabama, USA.
- BALTES, P.B. (1987). Theoretical propositions of the life-span psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 5, 611-626.
- (1993). The aging mind: potentials and limits. *The Gerontologist*. Publicado em *Gerontologia*, 1994, 2(1): 23-44 (Tradução de A.L. Neri).
- (1998). *On the geral architecture of human development*. Plenary lecture, 15th Meetings of the International Society on Behaviorial Development, July 1, Bern, Switzerland.
- BALTES, P.B., & BALTES, M.M. (1990). Psychological perspectives on succesful aging: The model of selective optimization and compensation. In P.B. Baltes & M.M. Baltes (eds.). *Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences*. NY: Cambridge. University Press.
- BANDURA, A. (1986). *Social fundations of thought and action. A social cognitive approach*. Angewood Cliffs: Prentice Hall.
-(1997). *Self-efficacy. The exercise of control*. N.Y.: Freeman.
- BAYLEY, A. (1994). *UTOPIA Y EDUCACIÓN. UNI3 El Derecho a Ser. Documento*. Montevideo, Uruguai.

- BERQUÓ, E. (1996). Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. *Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: uma agenda para o fim do século*. Brasília, DF.
- BIRREN, J.E., & BIRREN, B.A. (1990). The concepts, models and history of the psychology of aging. In J.E. Birren & K. W. Schaie (orgs.). *Handbook of psychology of aging*. San Diego: Academic Press.
- BIRREN, J.E., & SCHROOTS, J. J. F. (1997). History, concepts and theory in the psychology of aging. . In J.E. Birren & K. W. Schaie (orgs.). *Handbook of psychology of aging*, 4 ed. San Diego: Academic Press.
- BROWNING, C.J. (1995). Late-life education and learning: The role of cognitive factors. *Educational Gerontology*, 21: 401-413.
- CAMARGO, K.M. (1995). I Encontro Estadual das Universidades da Terceira Idade. *Reviver*, 3 (8): 3.
- CARSTENSEN, L.L. (1995). Motivação para contato social ao longo do curso de vida: Uma teoria de seletividade socioemocional. In A. L. Neri (org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papyrus.
- CARSTENSEN, L.L., & LANG, F.R. (1997). Commentary: Social relationships in context and as context: Social support and the maintenance of competence in old age. In S.W. Willis; K.W.Schaie & M.Hayward. *Societal mechanisms for maintaining competence in old age*. N.Y.: Springer.
- CASTILHOS, D.; CRUZ, D. D., & AMORIM, C.A.A. (1997). A mulher no contexto universitário. Departamento de Psicologia, Universidade Católica do Paraná. In *Anais do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia*, São Paulo, julho, p.141.
- CUNHA, R.V. (1980). Educação permanente como perspectiva da integração social do idoso. *Cadernos da Terceira Idade*, 6: 7-8, SESC, São Paulo.
- CURSO DE ANIMADORES NO URUGUAI. (1997). *Novidade - Órgão de divulgação do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade - Journal do CREATI/UPF*, 7(9): 7.
- DEBERT, G.G. (1997). *Reinventando o envelhecimento, socialização e processos de reprivatização da velhice*. Departamento de Antropologia, IFCH. UNICAMP.
- DELORS, J. (1996). Educação - um tesouro a descobrir. In J. Delors (org.). *Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. Edições Asa: Lisboa, Portugal.
- DEPS, V.L. (1993). Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In A L. Neri (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papyrus.

- DICKERSON, B.E.; MYERS, D.R.; SEELBACH, W.C., & DIETZ, S.J. (1990). A 21st century challenge to higher education: Integrating the older person into academia. In R.H. Sherrom & D.B. Lumsden (ed.). *Introduction to Educational Gerontology*. N.Y.: Hemisphere.
- DIENER, E., & SUH, M.E. (1997). Subjective well-being and age: An international analysis. In K.W. Schaie & M.P. Lawton. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, v.17, N.Y.: Springer.
- ERBOLATO, R.M.P.L. (1996). *Universidade da Terceira Idade: avaliações e perspectivas de alunos e ex-alunos*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- ERIKSON, E.; ERIKSON, J. M. & KIVNICK, H. (1986). *Vital involvement in old age. The experience of old age in our time*. London: Norton.
- FLORENZANO, F. (1991). O ensinamento para idoso - novas e velhas metodologias entre a motivação para a cultura e os problemas do envelhecimento. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*, 3: 75-80.
- FREIRE, P. (1986). *La Educacion Permanente*. Barreiro y Ramos S.A: Montevideo.
- GARCIA, I.G.; HENRIQUES, T.H.G.; LEME, M.L.C.S.; OLIVEIRA, E.T.A., & SILVA, E.T. (1997). Leitura e lazer entre estudantes de uma Universidade da Terceira Idade. Centro de Ciências Humanas, Universidade de Mogi das Cruzes. In *Anais do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia*, São Paulo, julho, p.249.
- GEORGE, L.K. (1990). Social structure, social processes, and social-psychological states. In R. H. Binstock & L. K. George (orgs.). *Handbook of Aging and Social Sciences*. 3^a ed. San Diego: Academia Press.
- GIUBILEI, S. (1993). *Trabalhando com adultos, formando professores*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP : Campinas.
- GLENDENNING, F. (1985). What is Educational Gerontology ? : North American and British definitions. In F.Glendenning. *Educational Gerontology: international perspectives*. Croom Helm: London & Sydney.
- (1989). Educational Gerontology in Britain as na emerging field of study and practice. *Educational Gerontology*, 15: 121-131.
- GOLDSTEIN, L.L., & NERI, A.L. (1993). Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In A. L. Neri (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus.
- GOLDSTEIN, L.L. (1995). *Estresse, enfrentamento e satisfação de vida entre idosos: Um estudo do envelhecimento bem sucedido*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP.

- (1995a). Stress e coping na vida adulta e na velhice. In A. L. Neri (org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus.
- GOODERHAM, P.N. (1991). Socio economic outcomes from adults education. *Adults Education Quarterly*, 41: 203-216.
- GUEDES, N.M., & VAHL, I.A.C. (1992). O despertar de uma força: experiência da Universidade Federal de Santa Catarina com a população idosa. In *A população idosa no Brasil. I Seminário Nacional de Especialistas Multi-disciplinares em 3ª Idade*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- GUERRERO, P. (1993). *A Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP e a experiência de envelhecimento*. Monografia de conclusão de curso. IFCH, UNICAMP.
- HAVIGHURST, R. J. & TOBIN, S. S. (1961). The measurement of life satisfaction. In B. L. Neugarten (1996). *The meanings of age*. N.Y.: Springer.
- (1994). Disengagement, personality, and life satisfaction in the later years. In B. L. Neugarten (1996). *The meanings of age*. N.Y.: Springer.
- INTEGRAÇÃO DAS UNIVERSIDADES ABERTAS - UNI-3 DA AMÉRICA LATINA: V ENCONTRO LATINO AMERICANO DE UNI-3. (1997). *Novidade - Órgão de divulgação do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade - Journal do CREATI/UPF*, 7(9): 3.
- KALACHE, A.; VERAS, R. P., & RAMOS, L. R. (1991). Envelhecimento da população mundial: Um Desafio Novo. *Revista de Saúde Pública*, 21(3): 200-210.
- LEFÈVRE, J. (1993). *AIUTA - Association Internationale des Universités du Troisième Age*, trimestriel, nº 0, septembre. Louvain-la-Neuve, Bélgica.
- LEMIEUX, A. (1995). The University of the Third Age: role of senior citizens. *Educational Gerontology*, 21: 337-344.
- MAGALHÃES, D.N. (1992). Criação dos programas de convivência e produção e dos programas de preparação para a aposentadoria. In *A População Idosa no Brasil. I Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em Terceira Idade*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- MANHEIMER, R. J., & SNODGRASS, D. (1993). New roles and norms for older adults through higher education. *Educational Gerontology*, 19: 585-595.
- MENDES FILHO, A. (1994). *Universidade da Terceira Idade da UNIMEP: Relatório do Período 1992/1994*. Piracicaba, SP.

- NERI, A. L. (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In A. L. Neri (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus.
- (1995). Psicologia do Envelhecimento. Uma área emergente. In A. L. Neri (org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus.
- (1996). *Projeto Maturidade do SENAC - São Paulo*. (circulação interna).
- (1996a). *Atitudes e crenças em relação à velhice em adultos madurose idosos*. Relatório Técnico, não publicado, PUCCAMP/UNICAMP.
- (1996b). *Coping strategies, subjective well-being and successful aging: Evidences from research with mature and aged adults involved in an educational experience in Brasil*. Proceedings of the 14th. Conference of the ISSBD, Québec, Canadá, agosto.
- (1996c). *Crenças em relação à velhice e ao curso de vida na meia idade e na velhice*. Relatório Técnico, não publicado, Universidade São Francisco em Bragança Paulista/UNICAMP.
- (1997). *Qualidade de Vida e Educação*. Texto não publicado, Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento. FE: UNICAMP.
- O'BRIEN, S.J. (1992). The educational affinities of old age and youth. *International Journal of Lifelong Education*, 11(2): 115-124.
- PANAYOTOFF, K. G. (1993). The impact of continuing education on the health of older adults. *Educational Gerontology*, 19:9-21.
- PEIXOTO, C. (1997). De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos. In R.P.Veras (org.). *Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio*. Relume-Dumará, UnATI: Rio de Janeiro.
- PEREIRA, J. V. (1980). Educação para a participação. *Cadernos da Terceira Idade*, 6:9-12, SESC, São Paulo.
- PETERSON, D.A. (1990). A history of the education of older learning. In R.H. Sherrom & D.B. Lumsden (ed.). *Introduction to Educational Gerontology*. New York: Hemisphere.
- PIZZOLATO, C.E. (1995). *Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade*. Dissertação de Mestrado, IEL: UNICAMP.
- RADCLIFFE, D. (1985). Gerontological education for a caring society: The way ahead. In F.Glendenning. *Educational Gerontology: international perspectives*. Croom Helm: London & Sydney.

- RAHAL, E. R. L. (1994). Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos - Reflexos na vida de seus alunos. *A Terceira Idade*, 8: 52-69, SESC, São Paulo.
- RIBEIRO, J.A.S. (org.) (1994). *Textando a vida: coletânea das oficinas literárias 1991-1993*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- SÁ, J.L.M. (1991). *A Universidade da Terceira Idade na PUCCAMP: proposta e ação inicial*. Faculdade de Serviço Social da PUCCAMP, Campinas.
- (1995). A Universidade da Terceira Idade e seu efeito multiplicador. *Reviver*, 3(8): 2.
- (1996). *Dos fundamentos educacionais, filosóficos e epistemológicos à configuração do nível de totalidade de um currículo inovador – A Universidade da Terceira Idade*. PUCCAMP, SP.
- SALGADO, M.A. (1982). *Velhice, uma nova questão social*. Centro de Estudos da Terceira Idade, SESC. São Paulo.
- (1992). Mitos e preconceitos sócio-culturais com a velhice: Responsabilidades do trabalho social. In *A População Idosa no Brasil. I Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em 3ª Idade*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- SALTHOUSE, T. A (1997). Psychological issues related to competence. In In S.W. Willis; K.W. Schaie & M. Hayward. *Societal mechanisms for maintaining competence in Old Age*. N.Y.: Springer.
- SANT'ANNA, M.J.G. (1997). UnATI, a velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. In R.P. Veras (org.). *Terceira Idade: desafios para o Terceiro Milênio*. Relume-Dumará, UnATI: Rio de Janeiro.
- SHEEHY, G. (1996). *New passages: mapping you life through the time*. London: Harper Collins.
- SIMÕES, R. (1994). *Corporeidade e terceira idade*. Dissertação de Mestrado. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, SP.
- SONDERGAARD, K. (1992). The elderly at folk high schools. *Danish Medical Bulletin*, 39(3): 264.
- SWINDELL, R., & THOMPSON, J. (1995). An international perspective on the University of the Third Age. *Educational Gerontology*, 21(5): 429-447.
- THORNTON, J. E. (1992). Educational Gerontology in Canada. *Educational Gerontology*, 18: 415-431.
- UCHÔA, L. (1997). *Como nasceu a Universidade da Terceira Idade. Depoimento pessoal de Pierre Vellas*. Toulouse, França.

- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. (1996). *Universidade Aberta à Terceira Idade*. Folheto informativo e currículo, GO.
- UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. (1995). *Universidade da Terceira Idade. O programa de vanguarda para pessoas do nosso tempo*. Manual de apresentação e currículo, RS.
- UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO. (s.d). *Centro Regional de Estudos e Atividades para Terceira Idade - CREATI*. Manual de apresentação e currículo, RS.
- UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO. (1994). Divisão de Extensão Acadêmica. *Projeto de implantação da Universidade Para a Terceira Idade*.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. (1996). *Universidade Aberta à Terceira Idade*. Manual de informações, SP.
- UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. (s.d.). *Universidade Aberta à Terceira Idade*. Folheto informativo, Bauru, SP.
- UNIVERSIDADE DE SOROCABA. (1997). *UNISO - Universidade da Terceira Idade*. Manual de informações, SP.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. (s.d.). *Universidade Sem Fronteiras*. Folheto informativo e currículo, CE.
- UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU. (1996). *Universidade Aberta à Terceira Idade*. Folheto informativo, SP.
- VERAS, R. P., & CAMARGO, Jr., K. R. (1995). Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In R.P. Veras (org.) *Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Relume-Dumará, UnATI: Rio de Janeiro.
- WASHINGTON, M.L. (1980). Educação permanente na terceira idade. *Cadernos da Terceira Idade*, 6: 13-15, SESC, São Paulo.
- WELCOME TO ELDERHOSTEL. (s.d.). Folheto de apresentação. Wakefield, MA. USA.
- WEREBE, M.J.G. (1994). *30 anos depois: Grandezas e Misérias do Ensino Superior*. São Paulo: Ática.

ANEXO

**Universidade São Francisco
Instituto de Pesquisa, Pós-Graduação
e Extensão Acadêmica - IPPEX
Universidade Para a Terceira Idade**

PREZADO PARTICIPANTE : Estamos interessados em saber em que medida a Universidade Para a Terceira Idade (U3I) da USF está preenchendo as expectativas dos seus alunos. Também gostaríamos de saber como os alunos avaliam os efeitos do Programa sobre suas vidas. Essa informação é muito importante para nós que planejamos e organizamos o Programa. A partir dele poderemos planejar os ajustes necessários para que ele seja o melhor possível. Dessa forma, agradecemos a atenção e o cuidado que tiver ao responder às perguntas que se seguem.

A. DADOS PESSOAIS

1.Nome:.....

2. Idade: anos

3. Sexo:

() masculino

() feminino

4. Estado Civil:

() casado(a)

() solteiro(a)

() viúvo(a)

() divorciado/separado(a)

5. Escolaridade:

() primário

() ginásio

() colegial

() faculdade

6. É dona-de-casa ?

() sim

() não

7. Se é dona-de-casa, além dessa atividade, tem outra ocupação remunerada ?

() sim

() não

8. Se além de ser dona-de-casa, exerce outra ocupação remunerada, qual é essa atividade ?

.....

9. É aposentado(a) ?

() sim.

() não.

10. Se é aposentado, qual a profissão que exercia antes ?

.....

.....

11. Se não é aposentado, qual a profissão que exerce atualmente ?

.....

.....

B. Foi feita uma pesquisa de levantamento com os novos alunos da Universidade Para a Terceira Idade da USF, há um ano atrás, quando começaram a freqüentar o programa.

Esta pesquisa indicou que suas principais expectativas em relação à Universidade Para a Terceira Idade eram:

- ⇒ *Aumentar conhecimentos;*
- ⇒ *Investir no aperfeiçoamento pessoal;*
- ⇒ *Aumentar o contato social;*
- ⇒ *Ocupar o tempo livre de forma útil.*

NESTE MOMENTO, GOSTARÍAMOS DE SABER SE O(A) SENHOR(A), ACHA QUE O PROGRAMA ESTÁ PREENCHENDO SUAS EXPECTATIVAS EM:

Faça um x em cima do número correspondente na escala

12- Aumentar conhecimentos |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

13- Investir no aperfeiçoamento pessoal |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

14- Aumentar o contato social |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

15- Ocupar o tempo livre de forma útil |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

C. GOSTARÍAMOS TAMBÉM DE SABER SUA OPINIÃO SOBRE EM QUE GRAU FREQUËNTAR A U3I ESTÁ CONTRIBUINDO PARA O SEU BEM-ESTAR, QUANTO AOS SEGUINTE ASPECTOS:

Faça um x em cima do número correspondente na escala

16. Atividade - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

17. Satisfação - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

18. Produtividade - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

19. Relacionamento familiar - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

20. Expectativas em relação ao futuro - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

21. Saúde física - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

22. Forma de encarar a morte - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

23. Atitudes em relação aos jovens - |-----|-----|-----|-----|
0 1 2 3 4
nada muito

24. Atitudes em relação aos idosos - |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

25. Capacidade de auto-afirmação - |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

26. Memória, inteligência e resolução
 de problemas (do dia-a-dia) - |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

D. FINALMENTE, GOSTARÍAMOS DE SABER A SUA OPINIÃO SOBRE EM QUE GRAU MUDOU A PERCEPÇÃO DOS OUTROS À SEU RESPEITO, DEPOIS QUE O (A) SENHOR (A) COMEÇOU A FREQUENTAR A U3I ?

Faça um x em cima do número correspondente na escala

27- Aceitação |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

28- Valorização |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

29- Respeito |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

30- Credibilidade |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito

31- Confiança na sua capacidade..... |-----|-----|-----|-----|
 0 1 2 3 4
 nada muito